



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Mestrado Integrado em *Teologia* (1.º grau Canónico)**

**Domingos Xavier**

**Mensagem de Fátima: Questão Teológica e  
Soteriológica**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Professora Doutora **Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga**  
**2018**

## **RESUMO.**

A mensagem de Fátima é dirigida a toda a humanidade, transmitida através dos três pastorinhos, portugueses, localizado em Fátima, Portugal. Deus é fiel à sua aliança, por isso, se preocupa com o destino do Seu povo.

A humanidade é fortemente influenciada pelos pecados e, por consequência disso, lança o desafio de relação com o seu próximo, como também com Deus. A boa relação com o próximo e com Deus leva a humanidade ao Céu.

Este trabalho procura descobrir o verdadeiro caminho para o seguimento da humanidade, segundo a Mensagem vinda do Céu.

**PALAVRAS CHAVES:** Misericórdia de Deus, conversão da humanidade, relação, salvação das almas.

## **ABSTRACT**

The message of Fatima is addressed to all humanity, transmitted through the three Portuguese shepherds, located in Fatima, Portugal. God is faithful to His covenant, so He cares about the destiny of His people.

Humanity is strongly influenced by sins and, as a consequence, it challenges the relationship with its neighbor, as well as with God. Good relationship with one's neighbor and with God brings humanity to Heaven.

This work seeks to discover the true path for the following of humanity, according to the Message from heaven.

**KEYWORDS:** Mercy of God, conversion of humanity, relationship, salvation of souls.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar a história das Aparições do Anjo e de Nossa Senhora, em Fátima, e as suas mensagens, sob os pontos de vista teológico e soteriológico. Trata-se, não de uma história dos humanos, mas, sim, a história da preocupação contínua de Deus para com a situação da vida da humanidade.

Antes de mais, queremos apresentar a razão que nos levou a escolher este tema para o trabalho da dissertação. Sendo o meu país de origem, Timor Leste, um país Católico, a devoção Mariana, sobretudo pela Nossa Senhora do Rosário de Fátima, é muito forte. Com esta razão, apraz-nos escolher este tema, para que, no futuro, possamos partilhar com os nossos conterrâneos o conhecimento sobre as mesmas aparições, as suas histórias e, essencialmente, as suas mensagens.

Na elaboração do trabalho, pensamos dividir a nossa pesquisa em três partes ou capítulos, de acordo com o seguinte: na primeira parte, falaremos resumidamente das histórias, partindo das datas das aparições e dos acontecimentos de cada uma delas.

Entretanto, apresentaremos também as variedades de interpretações sobre estes acontecimentos, tanto da parte do Estado, como pela Hierarquia da Igreja. De tudo isto, embora haja controvérsias, as aparições de Fátima não perdem a sua importância, pois esta é assegurada pelas suas verdades.

Como sabemos que, nestas aparições, tanto o Anjo, como Nossa Senhora, vieram trazer as mensagens de Deus para a humanidade, incluiremos um segundo capítulo, no qual iremos falar sobre as mensagens, com base numa abordagem teológica.

A humanidade, realmente já deve saber que aquele que é digno de adoração é Deus, mas, ela é impelida pelo seu desejo de ser (poder) e ter (riqueza terrena), e acaba por dar elevação ao poder e à riqueza como objetos dignos de adoração, ignorando, de forma

inconsciente ou até conscientemente que, de facto, Deus é digno de adoração. Com esta situação, Deus, pela Sua Misericórdia – pois Ele é o Pai Misericordioso – preocupa-se com a humanidade. Por isso, manda-lhe, de novo, a Mensagem de Fátima, para a guiar, apontando a quem deve adorar e prestar o culto.

Adorar as coisas e não a Deus é um pecado do humano contra Deus. Pecar contra Deus é ofendê-Lo e feri-Lo no Coração. Esta situação faz com que o humano seja perturbado interiormente, não encontrando a paz consigo mesmo, com os outros, e muito menos com Deus. Para emendar esta realidade, em Fátima, Deus pede-nos a prática da vida eucarística, oração e o sacrifício para a conversão dos pecadores e a salvação das almas, ou seja, a vida eucarística, oração e sacrifício são o verdadeiro caminho que corrigem os nossos erros e nos levam ao encontro e reencontro de Deus, pois as consequências do pecado afastam as almas da vida eterna, que é a vida de Deus, e levam-nas para o Inferno.

Depois da questão teológica, iremos falar da questão soteriológica. A questão soteriológica será como que um fruto do trabalho da questão teológica, isto é, depois de a humanidade encontrar o verdadeiro caminho, chegará a alcançar o objetivo ou a meta da sua busca. De fato, a soteriologia é a plenitude e a verdadeira vida.

## CAPÍTULO I: FÁTIMA NO TEMPO-QUESTÃO HISTÓRICA.

Neste capítulo iremos abordar, de forma resumida, os tempos das aparições do Anjo e de Maria, desde o início do acontecimento até o último do mesmo.

### **1. A Síntese da História das Aparições**

Temos ouvido falar das Aparições Marianas muitas vezes, a partir de vários locais e vários países. Mas, o nosso trabalho centrar-se-á apenas nas Aparições Marianas de Fátima, Portugal. Em Fátima, na Cova da Iria, houve duas aparições em tempos e com personagens diferentes, interligadas entre si: ambas, de fato, com o mesmo objetivo, a saber, a salvação do Homem.

A mariofania verificou-se no segundo momento, ou seja, depois das aparições do Anjo ou Angelofanias.

O Anjo revelou-se aos videntes quatro vezes; Nossa Senhora, seis vezes. Centra-se neste acontecimento, nas Angelofanias, a importância da Eucaristia, cujo o Anjo se revelou aos Pastorinhos. Nas Mariofanias é a insistência da oração, particularmente o Rosário (Terço), a adoração e o sacrifício com o objetivo para a conversão dos pecadores, alcançar a paz para o mundo e para a salvação das almas.

É um acontecimento que tem os seus segredos, as suas verdades, mas também defronta-se com muitas controvérsias, principalmente entre estado laico e estado clerical, crentes e não crentes.

## 1.1. Angelofanias

A primeira angelofania foi em 1915, quando o Anjo apareceu a Lúcia com as suas companheiras, de nome Teresa Matias, Maria Rosa Matias e Maria Justino. Mas, esta aparição, quando as companheiras de Lúcia lhe perguntaram o que era, ela respondeu que não sabia, porque julgava que fosse apenas o Anjo mas não tinha certeza se era Ele mesmo, nem se Ele lhes iria dizer alguma coisa<sup>1</sup>. Portanto, era apenas um sinal enigmático, que não teve grande consequência.

No ano seguinte, em 1916, o Anjo apareceu, de novo, três vezes a Lúcia já com os primos, de nome Francisco e Jacinta. A primeira aparição de Anjo foi na Primavera, na Loca do Cabeço. Os pastorinhos viram uma luz mais branca que a neve, na figura dum jovem, transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do Sol. Aproximando-se deles, acalmou-os; em seguida, apresentou-se enquanto Anjo e fez-lhes o convite para orar com ele: «não temais, sou o anjo da paz, orai comigo»<sup>2</sup>. Depois disto, fez-lhes repetir três vezes estas palavras:

«Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos. Peço-vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam». Em seguida, aconselhou aos pastorinhos: «orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas».

A segunda aparição foi no pino do Verão. O Anjo apareceu junto dos pastorinhos e pediu-lhes as orações e sacrifícios para a reparação dos pecados e a conversão dos pecadores:

«Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios».

---

<sup>1</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 168.

<sup>2</sup> Cf. *Ibidem*, 77.

O sacrifício é ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido, e súplica pela conversão dos pecadores. É pela reparação e conversão que se alcança a paz para a Pátria:

«Atraí assim sobre a vossa pátria a paz». E no fim apresentou-se como o Anjo da guarda de Portugal: «Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal». Pediu aos pastorinhos que aceitassem e suportassem, com submissão, o sofrimento que o Senhor lhes enviava.

A terceira aparição foi em Outubro<sup>3</sup>. Nesta aparição o Anjo tinha na mão esquerda, um cálice e sobre ele suspensa uma hóstia, da qual caíam dentro do cálice algumas gotas de sangue. Deixando o cálice e a hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e fez-lhes repetir três a seguinte oração:

«Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo corpo, sangue, alma e divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido, e pelos méritos infinitos do seu santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores»<sup>4</sup>.

Após esta oração deu a comunhão aos pastorinhos: a sagrada hóstia a Lúcia, e o sangue do Cálice dividiu-o entre a Jacinta e o Francisco e desapareceu.

---

<sup>3</sup> Cf. *Ibidem*, 170.

<sup>4</sup> Cf. *Ibidem*, 79.

## 1.2 **Mariofanias**

A primeira aparição Mariana foi no dia 13 de Maio de 1917.

Os pastorinhos conduziram as suas ovelhas, até junto duma azinheira, viram sobre a carrasqueira uma figura toda vestida de branco, mais branco que o sol, espargindo luz. Nossa Senhora acalmou-os para não terem medo: «não tenhais medo. Eu não vos faço mal»<sup>5</sup>. A Lúcia perguntou de onde era: «de onde é vossemecê?» E Ela respondeu que era do Céu: «Sou do Céu, venho para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora, depois vos direi o que quero». Em seguida, perguntou-lhes se queriam oferecer-se a Deus para suportar os sofrimentos enviados por Deus, em acto de reparação pelos pecados e a súplica pela conversão dos pecadores. Os pastorinhos aceitaram este pedido e Nossa Senhora acrescentou: «Ides pois ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto». Foi com a frase «a graça de Deus», que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando aos pastorinhos uma luz tão íntima, penetrando-os no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-os ver a eles mesmos em Deus. Instintivamente, os pastorinhos caíram de joelhos e repetiram esta oração: «Ó Santíssima Trindade, eu adoro-Vos! Meu Deus, meu Deus, eu amo-Vos no Santíssimo Sacramento»! Passados uns momentos, Nossa Senhora acrescentou: «Rezem o Terço todos os dias para alcançarem a Paz no Mundo e o fim da Guerra».

A segunda aparição decorreu no dia 13 de Junho de 1917. Nesta aparição os pastorinhos estavam já com mais algumas pessoas. Estas souberam a notícia da aparição de Nossa Senhora através da Jacinta, logo depois da primeira aparição, porque a Jacinta:

---

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, 173.

«Não podendo conter em si tanto gozo, quebrou o contrato de não dizer nada a ninguém. Acrescentou ainda: tinha cá dentro uma coisa que não me deixava estar calada»<sup>6</sup>.

Aqui, Nossa Senhora reforçou o seu pedido anterior (Que Rezeis o Terço Todos os Dias) e aconselhou aos pastorinhos que aprendessem a ler antes que Ela lhes dissesse o que queria. Para além disto, no mesmo momento falou-lhes sobre o tempo da morte de Jacinta e de Francisco e a continuidade da presença física por mais algum tempo de Lúcia, para ser instrumento de Jesus, fazendo conhecer e amar a Nossa Senhora:

«Francisco e Jacinta levo-os em breve para o céu, mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar».

Depois disto, abriu as mãos e comunicou-lhes o reflexo duma luz imensa. Neste momento viram, na palma da mão direita de Nossa Senhora estava um coração cercado de espinhos, que aí cravados. Este coração era o Coração Imaculado de Maria, ultrajado pelos pecados da Humanidade, que requeria a reparação.

A terceira aparição aconteceu no dia 13 de Julho de 1917. Ao assistir a esta aparição de Nossa Senhora, os pastorinhos, entre numerosa multidão de povo, rezando o terço, viram o reflexo da costumada luz e em seguida, Lúcia, como desde a primeira aparição fazia a pergunta a Nossa Senhora: «Vossemecê que me quer?»

Nossa Senhora deu-lhe a resposta em forma de um pedido: «Quero que venham aqui no dia 13 do mês que vem, que continuem a rezar o terço todos os dias, em honra de Nossa Senhora do Rosário, para obter a paz do mundo e o fim da guerra, porque só Ela lhes poderá valer. Acrescentou: Continuem a vir aqui todos os meses; em Outubro direi

---

<sup>6</sup> Cf. *Ibidem*,45.

quem Sou, o que quero e farei um milagre para que todos hão-de ver para acreditar». Depois deste pedido, exige aos pastorinhos de mais sacrifícios: «sacrificai-vos pelos pecadores; sempre que fizerdes algum sacrifício dizei muitas vezes esta palavra:

«Ó Jesus, é por Vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria».

O reflexo da luz pareceu penetrar a terra e fez com que os pastorinhos vissem o inferno e o sofrimento do papa: como que um mar de fogo. Mergulhados nesse fogo, os demónios e as almas flutuavam no incêndio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Depois disse aos pastorinhos, com bondade e tristeza: «Vistes o Inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores». Houve também para além destes, a proclamação da devoção ao Imaculado Coração: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado coração para salvar estas almas. Se fizerem o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas, a guerra vai acabar e terão paz». Informou que o sinal que Deus ia dar de que ia punir o mundo dos seus crimes era por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre. O que podia impedir esta punição era a consagração da Rússia ao Imaculado Coração. Pois, os erros de Rússia seriam espalhados pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Após disto ensinou-lhes a dizer no terço depois de cada mistério, o seguinte: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno, levai as almas todas para o Céu, principalmente as que mais precisarem». E elevou-se.

Quarta aparição foi, no dia 15 de Agosto de 1917, depois de os pastorinhos regressarem da prisão. Pois no dia 13, data determinada por Nossa Senhora, os pastorinhos ainda estavam na prisão<sup>7</sup>. Nesta aparição, Lúcia apresentou o dinheiro que o povo deixou na Cova da Iria e Nossa Senhora mandou fazer dois andores para a

---

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, 91.

procissão, e o dinheiro dos andores para a festa de Nossa Senhora do Rosário e o que sobrasse para ajudar de construir uma capela.

A quinta aparição foi no dia 13 de Setembro de 1917. Ao aproximar-se a hora lá foram os pastorinhos. Havia uma multidão que se apinhava, pedindo aos pastorinhos que apresentassem a Nossa Senhora as suas necessidades (corporais e espirituais). Chegando à Cova da Iria, os pastorinhos começaram a rezar o terço com o povo e pouco depois viram o reflexo da luz e, a seguir, Nossa Senhora sobre a azinheira, reiterando o pedido: «continuem a rezar o terço...» e deu uma nova notícia:

«Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e a Nossa Senhora do Carmo, S. José com o Menino Jesus, para abençoarem o mundo».

Sobre o pedido de cura a Senhora respondeu: «sim, alguns curarei, outros não. Em Outubro farei o milagre para que todos acreditem». Dito isto, elevou-se.

Sexta aparição foi no dia 13 de Outubro de 1917. Havia uma chuva torrencial e o povo acorrera em massa. Com este, os pastorinhos caminhavam para Cova da Iria. Chegando a este lugar, levada por um movimento interior, Lúcia pediu ao povo que fechasse os guarda-chuvas, para rezar o terço. Pouco depois viram o reflexo da luz, e em seguida Nossa Senhora sobre a carrasqueira. Lúcia fez a pergunta como nas aparições anteriores: «que é que vossemecê me quer?» E a Senhora respondeu:

«Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra, Sou a Senhora do Rosário. Continuem sempre rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para suas casas»<sup>8</sup>.

A Senhora abrindo as mãos, e fê-las reflectir no Sol e, enquanto se elevava, continuava o reflexo da sua própria luz a projectar-se no Sol. Desaparecida Nossa Senhora na

---

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, 172-180.

imensa distância do firmamento, viram ao lado do Sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. S. José com o Menino a abençoar o mundo com a mão, em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida a aparição, Lúcia viu Nosso Senhor e Nossa Senhora, que lhe dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. E pareceu-lhe ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo. Na ocasião em que estava a ver esta imagem estava o povo a gritar: «Olhem! Olhem! Tão bonito!»<sup>9</sup>. O apreço do povo demonstra o seu testemunho ocular.

Nestas aparições desde o Anjo até às de Nossa Senhora, descobrimos que, de facto, as aparições do Anjo são como que uma via de preparação para as de Nossa Senhora. O Anjo vem ambientar os pastorinhos, inculcando-lhes a força interior para aceitar as aparições de Nossa Senhora. Como dizia a Lúcia: «O bom Deus me tinha reservado para o futuro»<sup>10</sup>.

As manifestações de Maria, em Fátima, foram precedidas e preparadas pelas manifestações de uma figura que foi identificada pelos pastorinhos como Anjo: O Anjo da Guarda, o Anjo da Paz, o Anjo de Portugal<sup>11</sup>.

Portanto, o modo de ter acesso a mariofanias começa pelas angelofanias. De maneira que, pelo Anjo e por Maria, Deus prepara os instrumentos que escolheu para que o eco da Sua Palavra (Mensagem) chegue afinado aos confins da terra. De facto, neste sentido, poderíamos dizer, em suma, que o Anjo vinha abrir o caminho, através dos pastorinhos, Maria vinha trazer a Mensagem e os pastorinhos foram os anunciadores dela (Mensagem).

---

<sup>9</sup> Cf. DOCUMENTAÇÃO CRÍTICA DE FÁTIMA, I - *Interrogatórios aos videntes*, (1917), 25-54.

<sup>10</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 76.

<sup>11</sup> Cf. João Manuel Duque, *Fátima uma aproximação* (Paulinas Editora-Prior Velho, 2017), 65.

Nas aparições de ambos, descobrimos as representações distintas. Mais significativa é a representação do Anjo referente à Eucaristia. A de Maria incide mais na oração (rezar o terço todos os dias) e na preocupação com a súplica ante a lamentação pelo estado do mundo, vítima do pecado e da guerra.

### 1.3 O segredo revelado de Mariofanias

Neste ponto trata-se do segredo de Nossa Senhora aos Pastorinhos e nele encontramos três aspectos ou “mistérios” distintos que reforçam o mesmo. Contudo procuraremos fazer uma breve explicitação deles. O primeiro foi a visão do inferno.

Diz-nos a Lúcia que:

«Nossa Senhora mostrou-nos um grande mar de fogo que parecia estar debaixo da terra. Mergulhados nesse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas nos grandes incêndios, sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos e dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor. Os demónios distinguiam-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes e negros».

O segundo foi o pedido de consagração de Rússia ao Imaculado Coração. Como informou Nossa Senhora aos pastorinhos:

«Quando virdes uma noite, alumiada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo padre. Para a impedir, virei pedir a consagração da Rússia a Meu Imaculado Coração»<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 121-122.

E o terceiro foi a visão do assassinato do homem vestido de branco. Confessou, a Jacinta:

«Eu vi o Santo padre em uma casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, com as mãos na cara, a chorar. Fora da casa estava muita gente e uns atiravam-lhe pedras, outros rogavam-lhe pragas e diziam-lhe muitas palavras feias. Coitadinho do Santo Padre!».

E a Lúcia acrescentou:

«E vimos n`uma luz emensa que é Deus: “ algo semelhante como se vêem as pessoas n`um espelho quando lhe passam por diante” um Bispo vestido de branco “tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre”. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subiram uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos com se fôra de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo com andar vacilante, acabrunhado de dor e de pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrando de joelhos aos pés da grande Cruz foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas...»<sup>13</sup>.

Mas a terceira parte só foi dada a conhecer no ano 2000, quando o Papa João Paulo II mandou Monsenhor Tarcisio Bertone, Secretário da Congregação para a Doutrina da fé, a Portugal, em nome do Papa para fazer a Irmã Lúcia algumas perguntas sobre a interpretação da terceira parte do segredo.

A terceira parte do segredo foi escrita por Lúcia em obediência à vontade do Senhor Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, no dia 3 de Janeiro de 1944, embora já na terceira memória Jacinta indica que tinha visto o Santo Padre em atitude de sofrimento e de humilhação. Porque, de facto, a publicação da terceira parte do

---

<sup>13</sup> Cf. *Ibidem*, 126, 213.

segredo não diz nada de especialmente inovador em relação ao que era já indicado nas Memórias.

Esta carta da terceira parte do segredo era colocada num envelope selado e guardado primeiramente pelo Bispo de Leiria. Segundo as instruções celestes dadas à vidente, este segredo deveria ser publicado em 1960, mas não foi. No dia 4 de Abril de 1957 o envelope foi entregue ao Papa Pio XII, e este não abriu, colocou-o num cofre dos seus aposentos privados com a etiqueta *Secretom Sancti Officium*. No dia 4 de Abril de 1960 o envelope foi entregue ao Arquivo Secreto do Santo Ofício, e depois, no dia 17 de Agosto de 1960, de acordo com o Cardeal Alfredo Ottaviani, o Comissário do Santo Ofício, Padre Pierre Paul Philippe OP, levou o envelope e entregou-o ao Papa João XXIII, este abriu o envelope, leu e ficou por instante pensativo. Depois, por alguma hesitação decidiu enviar de novo para o Santo Ofício<sup>14</sup>.

O Papa Paulo VI leu o conteúdo e mandou novamente, em 27 de Março de 1965, o envelope com a terceira parte do segredo para o Arquivo do Santo Ofício, com a decisão de não publicar o texto. O Papa João Paulo II, por sua vez, após o atentado de 13 de Maio de 1981, pediu o envelope com a terceira parte do segredo, e então, pensou imediatamente na consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, como Acto de entrega. Irmã Lúcia confirmou pessoalmente que este Acto de entrega, solene e universal, de consagração correspondia àquilo que Nossa Senhora queria<sup>15</sup>.

A vinda de Santo Padre João Paulo II a Fátima no dia 13 de Maio de 1982 é para agradecer à Santíssima Virgem por lhe ter salvado a vida, pelo facto do acontecimento de dia 13 de Maio de 1981, o assassino turco Mohamet Ali Agça descarregou contra Ele a *Browning 9 mm*, em plena praça de São Pedro, no meio de

---

<sup>14</sup> Cf. Marc Dem, *O Terceiro Segredo de Fátima* (Planeta Editoria, LDA, 1994), 7-9.

<sup>15</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 202.

uma multidão, e também a intenção de renovar, em união com todos os bispos do mundo, os dois actos realizados por Pio XII<sup>16</sup>.

#### 1.4 As Controvérsias

O evento de Fátima nunca foi, de fato, considerado e interpretado da mesma maneira por todos. Os pastorinhos foram interrogados tanto por parte da família, como da Igreja e do Estado, mostrando-lhes perante de certas severidades.

As controvérsias aconteceram, desde início, começando no âmbito familiar, pela descrença da mãe da Lúcia sobre as aparições, tanto angelofanias como mariofanias, forçando as crianças a admitirem que estavam a mentir. Denominou as aparições como tolices das crianças, fruto de imaginação, não passava duma intrujona que trazia meio mundo enganado; por sua vez, o pai da Lúcia mantinha-se numa atitude neutral, dizendo que não se sabia se era mentira ou verdade<sup>17</sup>.

Na linha política, uns interpretaram, por sua vez, que as aparições foram, na sua essência, uma reacção do clero português contra o regime republicano<sup>18</sup>. As aparições faziam parte de um plano para conquistar os corações e as mentes das massas analfabetas. Vários estudos das ciências sociais adoptaram esta perspectiva, considerando-a como uma manipulação em massa<sup>19</sup>. Seguindo a mesma linha, outros reforçaram que o evento de Fátima permitiu fanatizar e bestializar os crentes, bem assim como desnacionalizar a sociedade portuguesa. E este mesmo autor adiantou que eram os conciliábulos de padres que estavam na origem de Fátima, tendo por objectivo o crescimento financeiro, para não dizer abertamente que as aparições de Fátima eram

---

<sup>16</sup> Cf. Marc Dem, *O Terceiro Segredo de Fátima* (Planeta Editoria, LDA, 1994), 81.

<sup>17</sup> Cf. *Ibidem*, 87.

<sup>18</sup> Cf. P. O. Faria, *Perguntas- sobre Fátima e Fátima desmascarada* ( Editorial do Porto, 1975), 101.

<sup>19</sup> Cf. Jeffrey S. Bennett, *Quando o Sol Dança* (Fátima e Portugal: 1ª Edição, Fevereiro de 2017), 21.

invenção dos padres para ganharem dinheiro aquela zona improdutivo de povo miserável e sem iniciativa, visto que os padres que la viviam não tinham nada para gozar na vida material<sup>20</sup>.

Na realidade, o fenómeno foi colocado no centro do conflito entre a ideologia republicana e a Igreja clerical, ou seja, as aparições aconteceram na altura em que a República e o clericalismo permaneciam em vivos confrontos, derivado da lei da separação feita por parte do Estado, declarada em Abril de 1911, incluindo o propósito de extinguir o catolicismo em duas gerações. A estratégia na legislação separatista era para retirar à Igreja a influência sobre os cidadãos, diminuir o seu poder económico pela confiscação de bens, reduzir a vida religiosa a uma questão privada de fé, sem impacto em manifestações públicas<sup>21</sup>.

A Lei da separação em vigor, implementada pelos vários governos que se seguiram à implantação da República, pretendeu uma laicização total do Estado, enquanto tal, separado das Igrejas. Com esta Lei, as várias instâncias do poder: local, distrital e central empreenderam acções em ordem a desmotivar, dispersar e proibir a presença de aglomerações de devotos na Cova de Iria<sup>22</sup>.

Os jornais designaram este evento de *boato*. Um destes jornais, o jornal *O Século* denunciou-o como especulação financeira. Um outro jornal chamado *O jornal de Leiria*, deu a ideia como a tentativa de prevenir o retorno da aparição de Nossa Senhora, sugeriu que se construísse naquele lugar uma escola, onde o ensino racional fosse ministrado aos adultos e adolescentes que eram cegos de espírito. *O Diário Nacional*,

---

<sup>20</sup> Cf. P. O. Faria, *Perguntas- sobre Fátima e Fátima desmascarada* (Editorial do Porto, 1975), 103.

<sup>21</sup> Cf. D. Carlos A. Moreira Azevedo, *As condições históricas das visões de Fátima e a afirmação da religiosidade rural (1917-1942)*, (In *communio*, 4 (2016): 242.

<sup>22</sup> Cf. António Teixeira Fernandes, *Reacção das correntes ideológicas e dos atores políticos aos eventos de Fátima* (In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 144-147.

seguindo a linha cientista, transcreveu que este evento era um instrumento precioso na argumentação contra os republicanos. E os republicanos consideravam-no como burla, alucinação e exploração clerical<sup>23</sup>.

Portanto, se seguíssemos a interpretação dos políticos, particularmente os republicanos e as notícias dos Jornais, as aparições seriam servidas apenas como uma arma fabricada pelas autoridades clericais para conseguirem as suas vitórias perante a República. Se assim fosse, até agora contaríamos somente como uma tática política para lograr os efémeros objetivos terrestre e não um acontecimento Divino para uma vida Celestial.

A reacção do povo, nesta altura, confrontava-se inicialmente com a novidade da Aparição mas, depois, impelido pela curiosidade e pelos devotos, e mais forte ainda, com os milagres feitos produziam um crescendo imparável. O número dos crentes motivou uma revolta popular contra as autoridades do Estado, no caso do rapto dos videntes. Por tanto, o povo crente continuou realizar actos de devoção e as peregrinações para a Cova da Iria, confrontando com as intervenções das forças policiais da parte do Estado que tentaram proibir a prática dos actos religiosos, julgando que a peregrinação e as manifestações só denotavam fanatismo e em nada dignificavam a república<sup>24</sup>.

Por parte da autoridade eclesiástica, a sua atitude era céptica e reservada. Faziam-se interrogatórios sobre os três videntes, uns de forma dura, outros mostraram uma atitude simpática e manso. Nestas diferenças maneiras estava subjacente o objectivo de descobrir a verdade. Sendo por isso que, em 1917, na jurisdição do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Mendes Belo, teve notícias dos primeiros

---

<sup>23</sup> Cf. *Ibidem*, 144-146.

<sup>24</sup> Cf. David Sampaio Barbosa, *Reacção do povo e da hierarquia aos eventos de Fátima*, (In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 111.

acontecimentos sobre o aumento incessante e os frutos do movimento religioso se tinha produzido na Cova da Iria, proibiu absolutamente ao seu clero promover ou tomar parte em qualquer manifestação religiosa respeitante à Fátima<sup>25</sup>. O posicionamento da hierarquia era baseada em razões de ordem doutrinal, aconselhavam cautela e estudo em ordem à averiguação do crédito que no contexto político aconselhava cuidados a ter perante atitudes crédulas que podiam ser enganadoras<sup>26</sup>. Causada por esta incredulidade os sacerdotes mantinham-se em grande reserva, mesmo aqueles que já andavam intimamente convencidos de que na verdade estavam em presença de factos de ordem sobrenatural, mas receavam manifestar-se e até aconselhavam que lá não se fosse<sup>27</sup>. Esta incredulidade é, no fundo, uma incredulidade de tutela com apoio na intuição de se chegar a autêntica verdade.

Nestas controvérsias, descobrimos que, realmente a atitude dos republicanos contra os pastorinhos e a Igreja teve por intenção de defender o poder dum Estado Laical, querendo, pela lei da separação, eliminar a religião católica como única oficial do País.

### 1.5 As verdades de Fátima

O evento de Fátima seria uma imaginação vazia se não tivesse as suas realidades. As realidades que concitaram a atenção e funcionaram como força apelativa para os assuntos da Cova da Iria são: Visões, “revelações” e promessas. A provocação das visões era para curar e salvar o tempo; trazer luz para discernir, com mais urgência,

---

<sup>25</sup> Cf. Luis G. da Fonseca, *Nossa Senhora de Fátima Aparições, Cultos, Milagres* (2ª edição: Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1947), 245.

<sup>26</sup> Cf. David Sampaio Barbosa, *Reação do povo e da hierarquia aos eventos de Fátima* (In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 118.

<sup>27</sup> Cf. *Ibidem*, 121.

os caminhos a percorrer; avisar a humanidade, com sentido profético, dos passos falsos e suscitar atitudes verdadeiras, diante de perturbações exigentes de conversão<sup>28</sup>.

A chegada do dia 13 de Outubro, com o cumprimento da promessa de sinais anteriormente prometidos e presenciados por muitos, fez com que a adesão ganhasse significativo alcance. O *milagre do sol* fez a diferença entre a presença da Nossa Senhora na Cova da Iria e outros locais. Este foi uma das maiores maravilhas de Fátima que, ao tempo das Aparições, mais impressão causou e, foi para muitos, o grande milagre que selou a verdade das seis aparições de Nossa Senhora<sup>29</sup>. De acordo com algumas testemunhas que olharam para cima, o Sol começou a «dançar» no céu, imitando uma estranha luz fez tudo ficar amarelo. Outros afirmaram que o Sol apareceu como uma roda de fogo a girar sobre si mesma e a descer em direcção à Terra, ziguezagueando no último segundo de volta para a sua posição adequada, na qual voltou a repousar, irradiando uma luz morna e tranquila sobre a Cova da Iria<sup>30</sup>. Eis a cobertura jornalística de Avelino de Almeida para *O Século*:

«Vê-se toda a imensa multidão voltar-se para a Sol, que se mostra liberto de nuvens no zénite. O astro lembra uma placa de prata fosca e é possível fitar-lhe o disco sem mínimo esforço. Não queima, não cega. Dir-se-ia estar-se realizando um eclipse. Mas eis que um alarido colossal se levanta, e aos espectadores que se encontram mais perto se ouve gritar: Milagre, Milagre! Maravilha, Maravilha!»<sup>31</sup>.

Os espectadores perguntaram uns aos outros se viram o que viram. Uns confessaram que viram a tremura, o bailado do Sol; outros, declararam ter visto o rosto

---

<sup>28</sup> Cf. D. Carlos A. Moreira Azevedo, *As condições históricas das visões de Fátima e a afirmação da religiosidade rural (1917-1942)*, (In *communio*, 4 (2016): 421.

<sup>29</sup> Cf. Inácio Martins Geraldês, *Mensagem a Lúcia*, Edição especial do jornal 'Correio da Manhã', 2006), 90.

<sup>30</sup> Cf. Jeffrey S. Bennett, *Quando o Sol Dança* (Fátima e Portugal: 1ª Edição, Fevereiro de 2017), 127.

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, 127.

risonho da própria Virgem<sup>32</sup>. A multidão começou a anunciar que Deus fizera um milagre como prometido, retirou-se, correndo estrada fora, a pé e descalça, ia com a alma em lausperene, levar a boa nova aos lugarejos que não se despovoaram de todo. Realmente Deus Fez um milagre como prometido, e este milagre fez explodir hossanas dos peitos dos fiéis<sup>33</sup>. Os acontecimentos foram observados por muita gente. Sendo assim, a classe popular agarrava Fátima e sua Mensagem e com ela empreendia caminhada, acarinhando com fé um sinal visível da presença de Maria em terras de Portugal<sup>34</sup>.

Para que o acontecimento fosse credível havia que ter em conta a coerência entre a mensagem e os factos. Com este objectivo, o Bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva, em 1922, criou uma comissão para elaborar o Processo Canónico, cujo resultado foi positivo. Por isso, em 1930 foram declaradas dignas de fé as visões marianas<sup>35</sup>. E em 1952, foi iniciado o processo canónico de beatificação dos dois pastorinhos: Francisco e Jacinta. Mas a beatificação foi realizada por Papa João Paulo II, em 13 de Maio de 2000, e a sua canonização foi com o Papa Francisco, a 13 de Maio de 2017.

Como resposta ao desejo de Deus querer estabelecer no mundo a devoção ao Imaculado Coração de Maria, manifestado na Aparição de Junho de 1917: “ Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração”, os bispos de Portugal, a 13 de Maio de 1931 consagraram o País ao Imaculado Coração de Maria. Partindo deste acto, começando em Roma, com a consagração do mundo inteiro pelo Papa Pio XI, em 1942, em plena segunda guerra mundial, usaram-se as frases seguintes:

---

<sup>32</sup> Cf. *Ibidem*, 128.

<sup>33</sup> Cf. *Ibidem*, 128.

<sup>34</sup> Cf. David Sampaio Barbosa, *Reação do povo e da hierarquia aos eventos de Fátima* ( In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 114.

<sup>35</sup> Cf. D. Carlos A. Moreira Azevedo, *As condições históricas das visões de Fátima e a afirmação da religiosidade rural (1917-1942)*, (In *communio*, 4 (2016): 422.

«A Vós, ao Vosso Coração Imaculado, Nós, como pai comum da grande família cristã, [...] nesta hora trágica da história humana, confiamos, entregamos, não só a Santa Igreja, [...] mas também todo o mundo, dilacerado por discórdias...»

Depois destes, outras se seguiram, de Pio XII a Paulo VI. A consagração feita pelo Papa João Paulo II, a 25 de Março de 1984, em união com os Bispos de todo o mundo, correspondeu inteiramente à insistência da Irmã Lúcia, para a consagração do mundo inteiro, Rússia inclusive, ao Imaculado Coração de Maria<sup>36</sup>. A razão destes actos deve encontrar-se na própria Mensagem de Fátima e nos seus três segredos.

Segundo a tradição católica, quando se evoca “O Imaculado Coração”, exprime-se a convicção de que Deus criou e encontrou sempre alguém em quem pôde incarnar o seu Verbo e aparecer neste mundo, como uma nova terra onde nascesse o homem novo, Jesus Cristo, [...] em constante “sim” à vontade recriadora de Deus, [...] . Recriar o mundo em Cristo, é por isso estar com Maria e o seu Coração Imaculado. É aceitar e cumprir o Evangelho vivo<sup>37</sup>. Neste, vemos como é grande a vontade de um Deus que não desiste de recriar o mundo em Cristo e a aceitação radical de Maria em incarnar tal vontade.

No meio de tantas separações, tanto no mundo da política como no da crença, as visões da Cova da Iria inseriram-se primeiro no universo das vivências colectivas da Nação, centradas na aspiração e salvação do País: «momento nacionalista». A identidade nacional foi contudo ultrapassada pela versão católica renovada e reerguida por Fátima. Fátima sintetiza o modo de ser português, de viver o catolicismo; foi ao encontro de formas tradicionais: procissões, recitação do rosário, adoração do

---

<sup>36</sup> Cf. Adélio Torres Neiva, *Consagração* (In Enciclopédia de Fátima, S. João do Estoril, 2007), 142.

<sup>37</sup> Cf. D. Manuel Clemente, *Fátima no contexto do catolicismo contemporâneo*, (In *communio*, 4 (2016): 414.

Santíssimo. Aceitou-se Fátima como confirmação divina da renovação duma Igreja envelhecida e da sociedade cheia de esperanças e melhores dias. E o santuário evidencia-se e assume-se como referência de afirmação da Identidade e da renovação espiritual lusitana<sup>38</sup>.

A afirmação de Fátima é percebida como lugar de fortalecimento da fé, reforço do patriotismo generoso e esclarecido diante da impiedade. Fátima afirma-se como núcleo de referência essencial na restauração católica, com adesão entusiasta das populações rurais<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Cf. D. Carlos A. Moreira Azevedo, *As condições históricas das visões de Fátima e a afirmação da religiosidade rural (1917-1942)*, (, (In *communio*, 4 (2016): 429.

<sup>39</sup> Cf. *Ibidem*, 430.

## CAPÍTULO II: FÁTIMA E A FÉ-QUESTÃO TEOLÓGICA.

Na história das aparições de Fátima, tanto do Anjo como de Maria, descobrimos que, na verdade, ambos não aconteceram por acaso mas, trouxeram ao mundo, dirigidas aos humanos as Mensagens do Céu, de Deus. Deus, como Pai misericordioso, preocupa-se com a vida dos seus filhos. Cheio de misericórdia, vendo que, os filhos andam nas trevas, atingidos pelo pecado, em consequência, dos maus comportamentos, das injustiças e das guerras que os afasta da Luz e da Vida, mandou-lhes as Mensagens da Luz, trazidas pelo Anjo e por Maria, para despertar a fé e abrir o coração dos humanos em direcção a Ele. Com esta preocupação, em Fátima, o Anjo e Maria insistiram muito sobre a oração, penitência, sacrifício e Eucaristia (No Anjo). Mais ainda, nas Marifanias os pedidos mais frequentes foram os de oração para a conversão dos pecadores e para alcançar a paz para o mundo, e o sacrifício para a salvação das almas.

Vimos também que, na nossa época, de facto, Deus manifesta a sua misericórdia sobre a miséria do seu povo, por meio do Coração Imaculado de Maria, Mãe de Seu Filho, Jesus Cristo.

### **1. Adoração, adorar a Deus.**

Quando falarmos em adoração, queremos ter em conta uma atitude comportamental (relativamente) para com Deus. E esta atitude para com Deus é nos despertada na nossa consciência pelo primeiro mandamento da Lei de Deus:

«Eu sou o Senhor, teu Deus (...), não terás outro deus além de mim. Não farás para ti imagens esculpidas, nem qualquer imagem do que existe no alto dos céus ou do que existe em baixo, na terra, ou do que existe nas águas, por de baixo da terra. Não te prostrarás diante delas e não lhes prestarás culto, porque Eu o Senhor, teu Deus» (Ex.

20,2-5), e continuou dizer: «prestareis culto unicamente ao Senhor, vosso Deus...» (Ex. 23,25)<sup>40</sup>.

Por esta Lei, Deus manda-nos adorar e prestar o culto somente a Ele, porque só Ele é que digno de ser adorado e cultuado pelas Suas criaturas. As outras criaturas são criadas por Ele, e estas devem prestar-Lhe culto e adoração<sup>41</sup>. Prestar o culto e a adoração são como acto de reconhecimento a Deus, Criador das criaturas. É a demonstração de afecto humano ao seu Deus. Uma criatura presta culto e adora outra criatura igual a si exprime uma adoração inadequada. As criaturas têm origem de Deus, do Alto, e não da terra.

Adorar a Deus é um dever e um preceito que o Senhor nos impôs por amor, para nos dar ocasião de sermos por Ele beneficiados. O modo como devemos adorar a Deus é reconhecer, com o nosso espírito e inteligência a Deus a sua infinita grandeza, o Seu imenso poder e que, numa rendida homenagem, o adoremos<sup>42</sup>. Por isso, a adoração deve fundar-se com o amor, com o reconhecimento, com a gratidão, porque a ninguém mais devemos tanto como a Deus. A nossa adoração deve ser o fruto do nosso amor para com Deus e da nossa gratidão, porque Ele nos amou primeiro<sup>43</sup>.

A adoração é a atitude de reconhecimento e de acolhimento de Deus como uno e trino, Pai- Filho- Espírito Santo, o único Deus, Criador e Poderoso. É a profissão da fé que para cristão se orienta para Deus com rosto trinitário<sup>44</sup>. Ao professar que acredita em Deus, como ser único e verdadeiro, implica que a Ele e só a Ele se adora como Deus. Não existem outros. Adorar a Deus é acreditar que Deus é superior a todas as outras realidades que o ser humano tende a divinizar<sup>45</sup>. Só o Criador é Divino, é Deus.

---

<sup>40</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 71.

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*, 71.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*, 72.

<sup>43</sup> Cf. *Ibidem*, 216.

<sup>44</sup> Cf. Pedro Sousa, *adoração* (In *Fátima: 100 Anos, Espiritualidade e Contexto*, Cenáculo 2ª série, volume 57, nº 210, (Braga: 2018), 89.

<sup>45</sup> Cf. *Ibidem*, 89.

Todas as outras realidades são criadas por Ele. Por isso, o Divino é Aquele que as cria, ou seja, o Criador. As criaturas devem reconhecer, adorar e amar o seu Criador, porque, sem o existir de Criador, não existem também as outras quaisquer realidades do mundo. Pois, é a partir da realidade de Criador que faz as outras realidades se tornam reais. A adoração amorosa de Deus Trindade implica, necessariamente, que todas as outras realidades imanentes não sejam endeusadas<sup>46</sup>. Deus é Deus, criaturas são criaturas. Criaturas adoram Deus. As criaturas são criaturas de Deus, e não são deusas. São criadas por Deus para depois reconhecê-Lo e adora-Lo. Reconhecê-Lo como Criador e adora-Lo como Deus. Reconhecemos as outras criaturas como criaturas existentes pelo mesmo Criador, que é Deus. Viemos da mesma Origem, e para esta mesma Origem que devemos voltar os nossos olhares, conduzidos pelo amor e pela fé, tendo como esperança a vida de Além.

A adoração garante a teologalidade das três virtudes: Fé, esperança e amor. Estas virtudes são recebidas e acolhidas não só como graça, mas também se desdobram como acção de graças e louvor de Deus. Deus se revela e o humano acolhe-O. A atitude que conforma com a revelação de Deus é a de adoração. A referência das três virtudes está no próprio Deus<sup>47</sup>. Só podemos adorar Deus como único Deus enquanto recusamos a divinização do imanente. Por este paradigma, chegamos a adorar Deus como único Deus verdadeiro, o totalmente Outro, diferente e transcendente do mundo. Neste sentido, só a verdadeira adoração a Deus, com fé, amor e esperança pode suprimir a tentação de idolatrar ou endeusar as realidades imanentes, porque esta atitude crente deixa Deus ser Deus, eliminando os desejos humanos de manipular ou controlar o divino ou sagrado<sup>48</sup>. O ser humano quer que Deus faça o que ele deseja em vez de ele fazer o que Deus quer que se faça. A atitude de adoração consiste na atitude do humano

---

<sup>46</sup> Cf. *Ibidem*, 93.

<sup>47</sup> Cf. *Ibidem*, 94.

<sup>48</sup> Cf. *Ibidem*, 94.

submisso a Deus, e não o inverso. Pois, se fosse o inverso seria Deus a adorar o ser humano, e não o ser humano a adorar a Deus.

Adorar as realidades do mundo é idolatrá-las, e o próprio ser humano escraviza-se diante delas. Por isso, Deus revela-se ao ser humano através de mediadores, como por exemplo, Moisés, Abraão, o Anjo e Maria, em Fátima, para que o ser humano se consiga libertar das escravaturas. Isto implica do ser humano e de todas as suas acções conscientes, enquanto resposta de adesão à revelação de Deus<sup>49</sup>. Adorar a Deus com livre consciência implica reconhecer o erro de divinizar e elevar as realidades do mundo. É despertar na mente, com a fé para saber que o ser humano, pela fé tem o poder de controlar, dominar e recusar as falsidades de todos os ídolos mundanos. As coisas do mundo são passageiras, para servir a vida presente. Ajudam a manter a vida. Não são mais do que isso. Porque quem dá a vida é Deus.

No processo da vida, a humanidade tem tendência a centra-se mais o seu coração nas riquezas mundanas, e tem mais receio de perdê-las, podendo até fazer morrer Deus, na sua consciência. Estas efémeras riquezas tornam-se até adoradas. Por isso, na Mensagem de Fátima, sobre a adoração nos revela que a situação da humanidade está em perigo porque os seres humanos “alienados de Deus, a realidade do Deus vivo<sup>50</sup>. O humano deve adorar só a Deus Trindade, coloca a confiança primeira e última da existência em Deus e em mais ninguém. Adorar só a Deus é um mandamento da fé, porque reconhece que só Deus é Deus e único Deus. Por isso, o crente ao adorar Deus, confia plenamente em Deus até ao último fundamento da sua vida<sup>51</sup>.

Na Adoração a Deus, o ser humano entende que, Deus, para além de Criador, é também todo-poderoso. É um Deus que tem poder para tudo. De facto, num mundo cheio de perigos, o ser humano compreende que a sua existência é frágil e, por isso,

---

<sup>49</sup> Cf. *Ibidem*, 95.

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*, 97.

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*, 98.

procura Alguém que seja onnipotente, que o possa proteger<sup>52</sup>. Só o poder de Deus ama e promova o ser humano, ao passo que o poder do ser humano, muitas vezes, domina, aniquila e explora os outros, seus próximos. O poder de Deus é amoroso e misericordioso. Talvez, o humano, não poucas vezes adore o poder egoísta, em vez a Deus, por isso, o efeito do uso do poder é como aniquilador e dominador sobre os outros. O poder amoroso de Deus revelou-se em Jesus Cristo, na sua vida terrena até a Sua morte e Ressurreição. Jesus revela que Deus é Amor; revelando quem é Deus, ao manifestar a onnipotência do amor ao aceitar morrer por nós. A morte de Jesus Cristo revela-nos o que é a onnipotência de Deus. Por isso, olhando para a morte de Jesus reconhecemos que essa onnipotência não é um poder esmagador ou dominador, mas é um poder de amor<sup>53</sup>. Adoramos a Deus como uni-trino porque só Ele nos cuida com o verdadeiro amor. Ele merece a nossa adoração com toda a acção como sinal de permanecermos Nele, dar-Lhe o nosso Amem com todas as consequências<sup>54</sup>. É colocar o teocêntrico na vida de humano, reconhecendo a primazia de Deus. De tal maneira, compreendemos que a adoração é a atitude de reconhecimento do crente como resposta amorosa a Deus<sup>55</sup>. Deus ama o humano como a sua criatura e o humano, pelo acto adoração reconhece, acolhe e ama o seu Criador, como único e verdadeiro Deus. É o reconhecimento do crente ao seu Deus como infinitamente superior às suas criaturas<sup>56</sup>.

Na mensagem de Fátima a adoração ocupa um lugar central, porque vem despertar para a urgência de centrar radicalmente a nossa vida em Deus, como o único que deve ser amado e adorado<sup>57</sup>. Se os humanos andam nas trevas por estarem a adorar os Ídolos que não têm fim luminoso, então, o acontecimento de Fátima coloca o assento

---

<sup>52</sup> Cf. *Ibidem*, 91.

<sup>53</sup> Cf. *Ibidem*, 91.

<sup>54</sup> Cf. *Ibidem*, 99.

<sup>55</sup> Cf. *Ibidem*, 103.

<sup>56</sup> Cf. Carlos Cabecinhas, *A Adoração no contexto da Mensagem de Fátima* (in *Adorar a Deus em Espírito e Verdade*, Santuário de Fátima, 2011), 91.

<sup>57</sup> Cf. *Ibidem*, 92.

sobre a representação de Deus como luz que ilumina todas as realidades, como Trindade que devem adorar e amar<sup>58</sup>. Devemos deixar de adorar as realidades do mundo como deusas que nos levam às trevas, para irmos adorar só o Deus da luz e da vida. Adoramos o Deus uni-Trino, orientamos a nossa vida toda para Ele. Adorar Deus é adorar a nossa vida e a nossa salvação da vida. É adorar o nosso início da vida e o fim da vida. Deus é Quem dá início à vida, e é o último lugar onde a vida se chegar. De Deus viemos e para Deus iremos.

A adoração verdadeira não é um movimento espontâneo, que sirva para satisfazer o nosso ego. A adoração verdadeira é a resposta filial, crente e adorante com amor ao Amor de Deus. É como a oração verdadeira, como toda a verdadeira relação com Deus que brota em nós, como filho a Deus<sup>59</sup>. Pelo amor Deus faz-nos existir, e devemos também reconhecer este poder de amor pela atitude de adoração como acto do nosso amor de reconhecer o Amor de Deus. Deus, por amor, faz nos existir, e nós pela adoração a Ele expressamos ou demostramos o nosso amor para com Ele. Reconhecemos que, afinal, só a Deus pertence a nossa adoração. As coisas mundanas, criadas por Deus são só para cuidar e usar, e não para adorar. Só Deus é a fonte do espírito e de graças, mais ninguém, por isso só Ele é digno da nossa adoração.

### **1.1 Oração para a conversão dos pecadores**

A oração é uma experiência pessoal comum à humanidade de todos os tempos. Através dela o ser humano relaciona-se com a divindade, pois está constitutivamente aberto à alteridade, à transcendência<sup>60</sup>. A oração é expressão de louvor e adoração, de bênção e acção de graças, de súplica de perdão e pedido de bens. Exprime a relação

---

<sup>58</sup> Cf. *Ibidem*, 92.

<sup>59</sup> Cf. António Couto, *Adorar (a) Deus em espírito e verdade* (in *Adorar a Deus em Espírito e Verdade*, Santuário de Fátima, 2011), 106.

<sup>60</sup> Cf. António Bravo, *A oração dom e tarefa* (Ediciones Sígueme S.A.U- Salamanca: Paulinas Editora, 2004), 7.

correcta da criatura com o Criador e Salvador, sinal de o acolhimento e oferenda de amor<sup>61</sup>. Relação com a sua origem e o seu futuro, a criação e a comunidade, com Aquele que é tudo em todos. É vivência livre e consciente desta relação com Deus<sup>62</sup>. Pela oração, o ser humano volta o seu olhar para o seu Criador, quotidianamente, porque o ser humano é associado à obra criadora e salvífica.

Nas mensagens das Aparições em Fátima, tanto as do Anjo como as de Nossa Senhora, a oração foi coisa insistentemente pedida. Desde a segunda aparição do Anjo começou: «orai, orai muito!»<sup>63</sup>. A repetição do convite à oração foi dirigido por Deus, e Jesus Cristo deixou-o aos Apóstolos e a nós também: «Vigiai e orai»<sup>64</sup>. A Mensagem de Fátima ressalta o Evangelho de Jesus Cristo. Maria veio recordar dois pontos fulcrais: a urgente necessidade da oração e da conversão<sup>65</sup>. Nossa Senhora em Fátima não chama a atenção sobre si, mas o Evangelho de seu Filho<sup>66</sup>. Por isso, disse S. João Paulo II que: «Se a Igreja aceitou a Mensagem de Fátima, é sobretudo porque esta mensagem contém uma *verdade* e um *chamamento* que, no seu conteúdo fundamental, são a *verdade* e o *chamamento* do próprio Evangelho»<sup>67</sup>.

É uma comunicação sobrenatural, em que a oração tem um lugar e um papel fundamentais: «Nossa Senhora, ao aparecer, reza e ensina a rezar»<sup>68</sup>. É evangelho abreviado de oração<sup>69</sup>, Evangelho de Cristo pregado por Maria, convida-nos acima de

---

<sup>61</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*, 9.

<sup>63</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 170.

<sup>64</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 93.

<sup>65</sup> Cf. Manuel de Fátima e Oliveira Morujão, *Ciclo Mariano a visitação de Nossa Senhora em Fátima Oração e Conversão* (In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 236.

<sup>66</sup> Cf. *Ibidem*, 236.

<sup>67</sup> Cf. *Ibidem*, 236.

<sup>68</sup> Cf. *Ibidem*, 239.

<sup>69</sup> Cf. *Ibidem*, 239.

tudo à oração<sup>70</sup>. Oração é a corda espiritual que ata a nossa relação com Deus; faz-nos aproximar a Deus e Deus a nós.

A oração é posta como chave para santificação das almas. Estes pedidos postos em prática, constituem grande privilégio e força de Fátima, não apenas nos dias 13 de cada mês e nos dias de grandes peregrinações, mas em todos os dias do ano. Da força da oração se tiram frutos de santificação e de salvação para a sociedade<sup>71</sup>. O apelo à oração é o caminho marcado por Deus às criaturas, desde o princípio da criação<sup>72</sup>. O ser humano, na sua maioria, ignora o fim para que foi criado. Ignora a Deus, Criador; e ignora o caminho para poder chegar a ser feliz na Casa do Pai. O ser humano peca, e afasta-se de Deus, mas Deus continua a chamar, mostrando o caminho para a conversão dos pecadores. Esta conversão é a mudança de vida do pecado para a graça de Deus<sup>73</sup>. É sempre fundado na oração que Cristo faz, em nós e conosco, o fundamento de um novo estilo ou estado de vida. Isto nos mostra a grande necessidade que temos de fazer oração, de nos aproximarmos de Deus pela oração<sup>74</sup>. O pecado cria o mal em nós, no nosso mundo e no nosso destino, mas o amor e a oração criam oportunidades de bem, modificam a personalidade, e a sociedade pela fidelidade às inspirações de um coração convertido e comprometido a amar Deus<sup>75</sup>.

O caminho da oração nos levará a deparar também com o mistério do pecado que nos habita, do desamor, das resistências e incapacidades de confiar, de amar, de nos

---

<sup>70</sup> Cf. *Ibidem*, 240.

<sup>71</sup> Cf. Inácio Martins Geraldês, *Mensagem a Lúcia*, (Edição especial do jornal `Correio da Manhã', 2006), 51.

<sup>72</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima*, (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 90.

<sup>73</sup> Cf. Manuel de Fátima e Oliveira Morujão, *Ciclo Mariano a visitação de Nossa Senhora em Fátima Oração e Conversão* (In Congresso Internacional: *Fátima para o Século XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 235.

<sup>74</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 92.

<sup>75</sup> Cf. Teresa Messias, *Atitude crente: oração* (In *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário da Aparições de Fátima 5º. Ciclo*, Ano Pastoral, 2014-2015), 46.

entregarmos. É a purificação da incapacidade de ser fiel a Deus<sup>76</sup>. Deve-se fazer a conversão dos afectos profundos, das resistências e apegos a hábitos, ideias, sentimentos, modos de pensar e sentir que são contrários à vida, ao respeito pelos outros e ao amor de Deus<sup>77</sup>.

As manifestações sobrenaturais de Nossa Senhora em Fátima apelam à oração e conversão dos pecadores e do mundo. A Mensagem e o Santuário como lugar de mediação estão profundamente vinculados à oração, à sua importância e eficácia transformativa<sup>78</sup>. As realidades sobrenaturais nas sendas da oração conferem sentido à Vida revelada pelo Pai, manifestada no Filho, Jesus Cristo, e concretizada no dom do seu Espírito<sup>79</sup>.

Na oração encontra-se a verdade do humano em tensão para a transcendência<sup>80</sup>. É através da oração que o ser humano cultiva amizade com o Todo-Poderoso, contacto íntimo, diário e fundamental<sup>81</sup>. Este trato íntimo com Deus torna-nos mais agradáveis e atrai sobre nós graças e bênçãos de predilecção<sup>82</sup>.

A oração enriquece e torna possível a comunicação do Senhor com a humanidade<sup>83</sup>. Ter a consciência de que somos filhos amados do Altíssimo. Na oração exprimimos aquilo que nós somos para Deus, como diz Santo Agostinho: «Tu nos quiseste para Ti, em movimento para Ti, Senhor»<sup>84</sup>. Dos acontecimentos de Fátima vemos um Deus que está atento aos corações humanos, se comove com eles, se

---

<sup>76</sup> Cf. *Ibidem*, 43.

<sup>77</sup> Cf. *Ibidem*, 42.

<sup>78</sup> Cf. *Ibidem*, 29.

<sup>79</sup> Cf. Pedro Siqueira,  *você pode falar com Deus*, Adaptado de :  *Você pode falar com Deus*, de Ana Rita Silva, (Rio de Janeiro: 2014), 12.

<sup>80</sup> Cf. Ivica Zizic,  *A oração litúrgica e o tempo* (in *communio*, 3 (2016): 326.

<sup>81</sup> Cf. Pedro Siqueira,  *você pode falar com Deus*, Adaptado de:  *Você pode falar com Deus*, de Ana Rita Silva (Rio de Janeiro: 2014), 63.

<sup>82</sup> Cf. Irmã Lúcia,  *Apelos da Mensagem de Fátima*, (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 95.

<sup>83</sup> Cf. António Bravo,  *A oração dom e tarefa*, Ediciones Sígueme S.A.U- (Salamanca: Paulinas Editora, 2004), 14.

<sup>84</sup> Cf. André Sève,  *A oração hoje* (Edições Paulistas, 1990), 32.

preocupa com o seu destino, chama-os à conversão<sup>85</sup>. Deus manifesta-se como Criador implicado na nossa história e fim. Alguém fiel: fiel a Si mesmo, fiel a cada um de nós e ao amor que nos tem. Fiel até ao extremo da fidelidade (cf. Jo 13,1) sem jamais vacilar, mesmo, e sobretudo quando nós somos infiéis: a Ele e a nós mesmos<sup>86</sup>.

É necessária a oração pelos pecadores, pois sendo assim que a nossa alma, porém, continue a viver; voltado para Deus, se se encontra em estado de graça; se, pelo contrário, está em pecado, este mesmo pecado a afasta de Deus e arrasta para o eterno suplício<sup>87</sup>. Importa ter em vista uma vida eterna, feliz, a vida terrena é transitória, aquela não tem mudança nem fim<sup>88</sup>. O desejo de vida eterna deve suscitar em nós o desejo de conversão total da vida a Deus. Identificarmo-nos com Jesus Cristo; reproduzi-Lo em nós pela fé e pela caridade, para que, no dia da nossa partida para a eternidade, o Pai encontre em nós os traços da fisionomia de Cristo e nos receba como filhos no Seu Reino<sup>89</sup>. Pela força da oração se obtém o perdão dos próprios pecados, a força e a graça para resistir às tentações do mundo. Somos muito fracos; sem a força da oração não conseguiremos vencer<sup>90</sup>. Por isso Jesus recomendou: «Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca» (Mt 26,41). Como a fraqueza leva o ser humano a desviar-se, e faz com que as almas vão para o inferno, o Anjo e a Nossa Senhora, em Fátima, relembram-nos esta recomendação de Jesus para a conversão dos nossos pecados e podermos vencer, pela força da oração, as tentações do demónio. À Mensagem de Fátima, se funda na Palavra de Deus e é um apelo a superar o mundo do

---

<sup>85</sup> Cf. Teresa Messias, *Atitude crente: oração* (In *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário da Aparições de Fátima 5º. Ciclo*, Ano Pastoral, 2014-2015), 30.

<sup>86</sup> Cf. *Ibidem*, 28.

<sup>87</sup> Cf. *Ibidem*.91.

<sup>88</sup> Cf. *Ibidem*, 92.

<sup>89</sup> Cf. *Ibidem*. 92.

<sup>90</sup> Cf. *Ibidem*, 93.

pecado, com uma decidida conversão a Deus<sup>91</sup>. Maria pede súplicas, orações e sacrifícios pela conversão dos pecadores ao longo de todas as aparições<sup>92</sup>. O elemento essencial é o apelo à mudança de vida, à conversão, seguindo os caminhos de Deus. Deus, nas palavras de Maria, manifesta o Seu rosto misericordioso, quer a salvação de todos<sup>93</sup>.

A conversão tem que começar por nós mesmo<sup>94</sup>. O radicalismo da conversão é exigido por Cristo: «Arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mt 1,15). «Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não tornardes a ser como criancinhas, não podereis entrar no Reino do Céu» (Mt 18,3). Veio Nossa Senhora a recordar a sua maternal solicitude pela conversão dos pecadores<sup>95</sup>.

Jesus Cristo recomendou a oração e ensinou a orar<sup>96</sup>, como vimos na passagem de S. Lucas: «Sucedeu que, estando Ele algures a orar, disse-lhe, quando acabou, um dos Seus discípulos: “ Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos”. Disse-lhes Ele: “quando orardes dizei: Pai, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso Reino...”» (Lc 11,1-2). O acontecimento da oração funda-se na revelação da transcendência de Deus, é o pedido de que o Reino de Deus venha no presente. A oração coloca o ser humano dentro do futuro do Reino de Deus, realizando o passado e o futuro no horizonte da eternidade. A oração configura-se como antecipação do eterno<sup>97</sup>. É tempo suspenso que dá lugar ao instante “santificado”, e

---

<sup>91</sup> Cf. Manuel de Fátima e Oliveira Morujão, *Ciclo Mariano a visitação de Nossa Senhora em Fátima Oração e Conversão* (In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 249.

<sup>92</sup> Cf. Teresa Messias, *Atitude crente: oração* (In *Santificados em Cristo: Itinerário Temático do Centenário da Aparições de Fátima 5º. Ciclo*, Ano Pastoral, 2014-2015), 42.

<sup>93</sup> Cf. Manuel de Fátima e Oliveira Morujão, *Ciclo Mariano a visitação de Nossa Senhora em Fátima Oração e Conversão* (In Congresso Internacional: *Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008), 249.

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*, 250.

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, 250.

<sup>96</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 93.

<sup>97</sup> Cf. Ivica Zizic, *A oração litúrgica e o tempo (in communio)*, 3 (2016): 327.

abre-se horizonte da plenitude escatológica<sup>98</sup>. Antecipa a transfiguração do tempo e da humanidade<sup>99</sup>. No tempo da oração a eternidade irrompe no mundo.

Na oração o ser orante dedica-se à relação com Deus na história e no mundo, invocando a vinda do Reino de Deus. Ela (oração) define-se também como um “pedido de iluminação”, a invocação da luz da graça, pedindo a Deus que ilumine os próprios olhos para orientar a sua vida no horizonte do Reino de Deus<sup>100</sup>. Pela oração assumimos a forma de regresso às origens, às fontes da vida e à origem da história<sup>101</sup>.

## **1.2 O Sacrifício para a salvação das almas**

Fátima constitui um grito às consciências de boa vontade, para uma vida mais conforme com o Espírito e as normas do Evangelho. O Anjo como Nossa Senhora, vieram insistir: «Penitência! Sacrifícios!» para a salvação das almas. Esta insistência não era só para as três crianças, também e especialmente para toda a humanidade<sup>102</sup>. A salvação é para todos.

No Evangelho de S. Lucas, Jesus chamou-nos a atenção com estas palavras: «Se não fizerdes penitência, todos perecereis...» (Luc 13,5). O ser humano caminha para a perdição, a qual leva as almas ao inferno, porque não fazia penitência, Nossa Senhora veio, serve-se de três crianças a instar que se sacrificassem e fizessem penitência para a salvação das almas<sup>103</sup>.

As penitências válidas aos olhos de Deus são feitas em espírito de submissão e reparação. Penitência do dever cumprido, supõe e impõe outras, isto é, para uma pessoa cumprir todas as suas obrigações tem de se sacrificar, de fazer as coisas que lhe custam

---

<sup>98</sup> Cf. *Ibidem*, 327.

<sup>99</sup> Cf. *Ibidem*, 330.

<sup>100</sup> Cf. *Ibidem*, 328.

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, 330.

<sup>102</sup> Cf. Inácio Martins Geraldês, *Mensagem a Lúcia* (Edição especial do jornal `Correio da Manhã', 2006), 46.

<sup>103</sup> Cf. *Ibidem*, 46.

e de abster de outras que lhe agradam. É fazer uma acção que custa, ou deixar de fazer outra que à natureza agrada<sup>104</sup>. É preciso, em primeiro lugar, fazer a renúncia a nós mesmos, embora seja difícil, como diz Lúcia: «a renúncia a nós mesmo é o sacrifício mais difícil para a pobre natureza humana, porque é necessário romper a obsessão pelo eu e deixar que prevaleçam os outros, que ocupem os primeiros lugares»<sup>105</sup>. Um dos exemplos da vida dos pastorinhos é confrontar com o seu eu, deixar de brincar (a brincadeira era o momento lúdico deles) para irem rezar o terço e fizeram o sacrifício de não merendar: «Demos a nossa merenda às ovelhas e o sacrifício de não merendar»<sup>106</sup>. Era mau para eles por estarem com fome e sem diversão, mas a intenção era para o bem dos outros, a conversão dos pecadores e a salvação das almas. Fátima apresenta uma configuração da fé cristã alternativa, em que a simpatia, capacidade de sofrer com o sofrimento do outro, é núcleo da própria humanização e caminho da salvação<sup>107</sup>. Ensina a viver do amor e para o amor, deixa espaço ao dom, à generosidade e ao sacrifício<sup>108</sup>.

A atitude sacrificial dos pastorinhos é entrega da própria vida solicitada a favor dos outros; fonte do alento dessa atitude é o amor. O amor ao qual se oferecem e os outros que dele necessitam<sup>109</sup>. Receber com alegria e paciência todos os sofrimentos que Nosso Senhor misericordiosamente nos enviar, e oferecendo-os com aqueles que nós mesmo procuramos, «em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores»<sup>110</sup>. O sacrifício reflecte uma profunda verdade tanto antropológica como teológica de que, a capacidade de amar abre-se e coloca-se à

---

<sup>104</sup> Cf. *Ibidem*, 46.

<sup>105</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 234.

<sup>106</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia I, 46.

<sup>107</sup> Cf. João Manuel Duque, *Fátima uma aproximação* (Paulinas editora, 2017), 100.

<sup>108</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, “A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história” (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 231.

<sup>109</sup> Cf. *Ibidem*, 233.

<sup>110</sup> Cf. Inácio Martins Geraldês, *Mensagem a Lúcia* (Edição especial do jornal ‘Correio da Manhã’, 2006), 48.

disposição dos outros; e tem uma dimensão de reparação: amor é reparador se faz sacrifício e carregamento do peso dos outros<sup>111</sup>.

O motivo do nosso sacrifício e penitência é reparar pelos nossos próprios pecados e pelos de todos os outros pecadores. Este sacrifício obriga-nos a não pecar para conseguir encontrar a salvação eterna<sup>112</sup>. Cada um tem de se impor a si mesmo no processo de conversão, orientar-se num caminho de honestidade, pureza, justiça, verdade e amor<sup>113</sup>.

A insistência em fazer penitência e sacrifícios é a voz de Deus no decorrer dos séculos, através dos profetas, depois de Jesus Cristo, e continua como a voz da Igreja e dos santos que pregaram e praticaram; e é também a voz maternal da Santíssima Virgem em todas as Aparições dos tempos modernos<sup>114</sup>. A renúncia a tudo o que nos pode levar ao mal é o caminho da salvação. Este caminho faz-se pela observância da lei de Deus<sup>115</sup>. Observar a Lei de Deus, estando no processo do alcance da salvação.

Sobre a insistência de sacrifício diz que: é para «reparar os pecados com os quais Ele é ofendido». Sempre que ofendemos, devemos reparar; costumamos pedir perdão. Devemos proceder desse modo para com Deus<sup>116</sup>. Jesus Cristo ensina a pedir o perdão: «Pai nosso que estais nos céus, (...) perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido e não nos deixeis cair na tentação mas livrai-nos do mal» (Mt 6,9. 12-13). A melhor reparação que podemos oferecer a Deus é juntar à súplica do perdão o propósito de emenda, para não voltar mais a ofendê-Lo<sup>117</sup>. Jesus

---

<sup>111</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 234.

<sup>112</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 102.

<sup>113</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 233.

<sup>114</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 49.

<sup>115</sup> Cf. *Ibidem*, 102.

<sup>116</sup> Cf. *Ibidem*, 103.

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*, 103.

nos ensinou a pedir no plural: perdoai-nos, livrai-nos, não nos deixeis cair na tentação! Na mesma linha veio o apelo da Mensagem de Fátima: Sacrificarmo-nos em acto de reparação e de súplica pela conversão dos nossos irmãos transviados por caminhos falsos a errados<sup>118</sup>. O Anjo pediu aos pastorinhos que oferecessem sacrifícios como acto de reparação pelos pecados<sup>119</sup>, e pediu-lhes também para reparar os ultrajes contra Deus<sup>120</sup>. Esta reparação implica carregar com a culpa alheia, trevas do pecado e da injustiça, num gesto de solidariedade que impele a actuar de modo vicário para que o mal não triunfe e corrompa a pessoa, como Jesus Cristo fez por nós<sup>121</sup>. Orar e sacrificarmo-nos, porque a nossa vida é um holocausto oferecido a Deus nos braços da cruz de cada dia, em união com a Cruz de Cristo, pela salvação das almas, cooperando com Ele na obra redentora<sup>122</sup>.

A renúncia de não nos preocuparmos tanto com as coisas terrenas para seguir a lei de Deus é um sacrifício agradável a Deus e muito proveitoso para nós, pois, provamos a delicadeza da nossa fidelidade e amor a Deus e ao próximo. A sua prática enriquece-nos de graça, fortifica-nos na fé e na caridade, dignifica-nos junto de Deus e do próximo e liberta-nos da tentação do egoísmo, da cobiça, da inveja e do comodismo<sup>123</sup>. É preciso a renúncia aos próprios gostos efémeros, como por exemplo: sacrificar do nosso descanso para fazer a oração, levantar cedo para ir participar na Celebração Eucarística; ou à noite antes do descanso, dispor de uns momentos para rezar o terço. Tudo isso é para não sermos sacrificados na vida eterna, pois com a oração e a penitência é que nos salvaremos<sup>124</sup>. Devemos preocupar-nos mais com a vida

---

<sup>118</sup> Cf. *Ibidem*, 103.

<sup>119</sup> Cf. *Memórias da Irmã Lúcia*, I (17ª edi., Junho de 2015), 78.

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem*, 79.

<sup>121</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 235.

<sup>122</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 103.

<sup>123</sup> Cf. *Ibidem*, 106.

<sup>124</sup> Cf. *Ibidem*, 107.

eterna do que conservar a vida temporal, pois a vida eterna é o destino final do ser humano. Deus, ao criar os seres humanos, deu-lhes por destino a vida eterna na participação da Sua vida divina<sup>125</sup>. Como o corpo humano foi tirado do pó da terra, mas a vida recebeu-a do sopro criador, de Deus, por isso a alma é um ser espiritual que participa da vida de Deus e é imortal<sup>126</sup>.

Mas a nossa participação da vida eterna deverá ser decidida entre duas realidades bem distintas: o Céu ou o Inferno. De facto, a geração de Satanás, que arrasta pelo caminho do pecado, leva o ser humano ao Inferno, e a geração do Coração Imaculado de Maria, que, como Mãe dos Filhos de Deus, os leva pelo caminho da verdade, de justiça e do amor até ao encontro da vida eterna, ou seja, por outra forma de dizer, porque Deus é Amor, então todos os seus filhos se distinguem pelo amor, e estes se elevam pelo caminho do amor à posse da eterna felicidade no Reino de Deus, seu Pai, ao passo que a geração de Satanás, pela torpeza do pecado, desce ao abismo do eterno suplício<sup>127</sup>. Na Sagrada Escritura se fala do Inferno e a vida eterna. No mundo, existem incrédulos que negam. Em Fátima Ele enviou-nos Mensagem, que no-las vem recordar, para que não nos deixemos iludir pelas falsas doutrinas dos incrédulos, que as negam, e dos transviados, que as deturpam<sup>128</sup>. A Senhora, assegura que é verdade existir o inferno, mostrou-o aos pastorinhos: «Vistes o Inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores...»<sup>129</sup>. Indica-nos também o caminho para a salvação, através da devoção ao Coração Imaculado de Maria<sup>130</sup>.

---

<sup>125</sup> Cf. *Ibidem*, 138.

<sup>126</sup> Cf. *Ibidem*, 138.

<sup>127</sup> Cf. *Ibidem*, 138.

<sup>128</sup> Cf. *Ibidem*, 141.

<sup>129</sup> Cf. *Memórias da Irmã Lúcia*, I (17ª edi., Junho de 2015), 177.

<sup>130</sup> Cf. *Irmã Lúcia, Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 141.

O sacrifício é compreendido a partir da categoria da dedicação ou *doação*, isto é, da entrega gratuita a Deus ou aos outros<sup>131</sup>.

A dimensão sacrificial da espiritualidade de Fátima é uma dádiva de si mesmo, aos outros e, desse modo e no mesmo movimento, como dádiva de si mesmo a Deus<sup>132</sup>. É uma doação da vida e imolação por todos, de forma absolutamente livre e gratuita<sup>133</sup>. A atitude do sacrifício como doação de si é viver em constante atitude de entrega livre e total. A identidade de cada indivíduo constrói-se a partir do outro, no processo de entrega de si mesmo. Na medida em que se dá a vida, recebe-se a verdadeira vida<sup>134</sup>. Este sacrifício afirma a identidade da humanidade, dando-lhe vida- a vida que se recebe quando se dá<sup>135</sup>.

No acontecimento de Fátima, o processo de doação de si, está omnipresente: como substituição do outro sofredor e até do outro pecador. Esta doação sofrendo com quem sofre. É uma paixão sensível à paixão dos outros<sup>136</sup>. Esta capacidade de sofrer com o sofrimento do outro é o núcleo da própria libertação, humanização e caminho de salvação<sup>137</sup>.

O sacrifício da doação tem por intuito para a libertação dos outros nos seus sofrimentos e mesmo até na sua morte, como Jesus Cristo fez: a libertação do sofrimento e da morte, realizada em nós por Deus, em Jesus Cristo<sup>138</sup>.

---

<sup>131</sup> Cf. João Manuel Duque, *Fátima uma aproximação* (Paulinas editora, 2017), 97.

<sup>132</sup> Cf. *Ibidem*, 97.

<sup>133</sup> Cf. *Ibidem*, 97.

<sup>134</sup> Cf. *Ibidem*, 98.

<sup>135</sup> Cf. *Ibidem*, 98.

<sup>136</sup> Cf. *Ibidem*, 99.

<sup>137</sup> Cf. *Ibidem*, 100.

<sup>138</sup> Cf. *Ibidem*, 101.

### 1.3 A Vida Eucarística

Nas narrativas das angelofanias, de Fátima, o Anjo trazia na mão o cálix e sobre ele a Hóstia...<sup>139</sup>. Entendemos que elas nos remetem para a importância da Eucaristia. A Eucaristia é a manifestação visível da presença de Jesus Cristo entre nós; Ele fica assim conosco para ser o nosso alimento espiritual, a nossa força e sustentar a nossa vida sobrenatural<sup>140</sup>. A vida sobrenatural depende da nossa união com Cristo, pela comunhão do Seu Corpo e do Seu Sangue. Este alimento, antes de o tomarmos, requer exame da consciência, e purificação dos pecados, através do sacramento da Penitência<sup>141</sup>. Pois, Deus é ofendido pelo peso dos nossos pecados. Portanto, o coração arrependido é caminho da purificação dos pecados e este é resolução de não ofender Deus. É a atitude que nos conduz a estar preparados para receber, com livre vontade, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, que é fonte de santidade e vida, que nos torna agradáveis aos olhos do Pai<sup>142</sup>. Entendemos que, pela atitude de arrependimento, percebemos as nossas más atitudes contra a vontade de Deus, deixamos de ofender Deus, reabrimos os corações para acolher a presença de Jesus Cristo em nós e com Ele, somos amados por Deus e Deus é amado por nós.

A eucaristia demonstra que Jesus está conosco, presença real, vivo, porque ressuscitou para não morrer mais. Ele está conosco e nós, pela fé, estamos Nele, vivemos com Ele e também ressuscitaremos. Vivemos com Ele na mesma mesa, alimentando-nos do pão que Ele reparte, bebemos do Seu Cálice, temos a Sua vida em

---

<sup>139</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 170.

<sup>140</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 110.

<sup>141</sup> Cf. *Ibidem*, 111.

<sup>142</sup> Cf. *Ibidem*, 111.

nós<sup>143</sup>. Jesus fica entre nós através do mistério do pão consagrado posto na nossa mão e no nosso coração.

Na Eucaristia, alimentamos a vida sobrenatural, a vida de ressuscitados. O alimento, Corpo e Sangue de Cristo é oferecido a toda a humanidade pois é o alimento da vida sobrenatural, vida eterna de todos que crêem na Sua Palavra. Eis a advertência de Jesus:

«Eu Sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome, e o que acredita em Mim jamais terá sede» (Jo 6, 35), e logo a seguir: «Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes o Seu Sangue, não tereis a vida em vós» (Jo 6, 53)<sup>144</sup>.

O acolhimento pressupõe a liberdade dos humanos, através da fé. Tomá-lo, é ter a vida eterna, recusá-lo, é perdê-la. Tomar este Alimento é estar com Deus em viver preliminar na vida de Além.

A vida Eucarística coloca a humanidade sempre junto de Deus. Jesus está conosco, embora a humanidade ultraje a Deus, mas Ele (Jesus) continua a oferecer-Se ao Pai como vítima pela remissão pelos pecados da humanidade<sup>145</sup>. As contribuições da nossa parte para esta remissão dos pecados são: o amor, caridade, a oração, os sacrifícios unidos à oração e ao sacrifício de Jesus Cristo<sup>146</sup>. Por Cristo somos redimidos dos pecados, alimentados da vida sobre natural e andamos no verdadeiro caminho, à Luz da vida eterna. Pois Ele Próprio apresentou-se:

---

<sup>143</sup> Cf. *Ibidem*, 112.

<sup>144</sup> Cf. *Ibidem*, 113.

<sup>145</sup> Cf. *Ibidem*, 113.

<sup>146</sup> Cf. *Ibidem*, 114.

«Eu Sou o pão de vida, Eu Sou a Luz do mundo» (Jo 8,12), «Eu Sou o caminho, a verdade e a vida» (Jo 14,8)<sup>147</sup>.

Eis que são a busca dos humanos. Andamos errantes, Deus vem ter connosco, oferece-nos o pão que sustenta a vida sobrenatural, a luz que ilumina o caminho rumo à vida eterna, que é a verdadeira vida (Jesus apresenta-se como luz porque Ele conhece a ambiguidade que se esconde no tempo dos humanos: de nós se depende a decisão se vivermos na luz ou nas trevas). Isto demonstra o apoio da fé cristã na pessoa concreta de Jesus Cristo. Ele é a vida e o pão de vida. Nele se satisfaz de maneira singular o mais profundo desejo de vida infinita que abriga o ser humano, de modo que Ele é o verdadeiro, duradouro e a definitiva realização da vida. «Quem crê, tem vida eterna»<sup>148</sup>.

Na Eucaristia prolonga-se ainda a Encarnação de uma maneira nova, isto é, sacramental. Como a presença de Deus no templo continua, mesmo se de um modo essencialmente diverso, no Verbo Encarnado continua, em virtude do seu poder divino, na Eucaristia, portanto, é a continuação, de algum modo, da Encarnação<sup>149</sup>. Vemos a pessoa de Jesus com os olhos humanos, tocando-Lhe na carne humana no momento da Encarnação, quanto ao prolongamento desta encarnação de maneira sacramental vemos-Lo com os olhos da fé e sentimo-Lo com o nosso corpo de peregrinos. De facto, Deus vem sempre ter connosco para nos levar de volta junto d'Ele. Na Eucaristia Jesus Cristo vem ao nosso interior para ser Ele em nós e para que nós estejamos Nele, como comunhão, isto é, da comunidade e união pessoal mais íntima com Jesus Cristo, de modo que Ele se converte, de verdade, em nosso alimento espiritual. Assim, a Eucaristia

---

<sup>147</sup> Cf. Walter Kasper, *Sacramento de la unidad, Eucaristía e Iglesia* (Editorial Sal Terrae Santander, 2005), 41.

<sup>148</sup> Cf. *Ibidem*, 42.

<sup>149</sup> Cf. Cardeal José Saraiva Martins, *Eucaristia* (Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002), 97.

é uma antecipação do banquete de bodas celestial<sup>150</sup>. Esta comunhão não só festa corporalmente, mas é uma atitude espiritual de fé. É uma comunhão que antecipa a comunhão celestial, pois realiza-se com respeito, fé e consciência pura<sup>151</sup>. A eucaristia tem tensão para a vida eterna e é também chamada como “medicina de imortalidade”, pois, supõe sempre a esperança da ressurreição<sup>152</sup>. Participar na Eucaristia com a esperança da ressurreição, é ter Jesus Cristo como nosso alimento e a fortaleza em nosso caminho.

A comunhão eucarística, no conjunto da sua celebração, remete para a consumação escatológica<sup>153</sup>. Com o símbolo da oferta do pão e do vinho, «frutos da terra e do trabalho dos homens» antecipa-se a glorificação escatológica de Deus que vai realizar toda a plenitude da criação; e na transformação destes dons efectua-se a transformação escatológica do mundo<sup>154</sup>. Entende-se, portanto, que a eucaristia é a actualização e recapitulação sacramental do mistério cristão da salvação, em seu conjunto. Abarca a criação e a nova criação escatológica; traduz o movimento de Deus para o ser humano, assim como o movimento da resposta do ser humano a Deus; é o legado recapitulador da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo; é a glorificação de Deus e a salvação do ser humano<sup>155</sup>.

A Eucaristia é a coluna da nossa fé, onde, se encontra o fundamento da fé posta ao serviço da nossa esperança<sup>156</sup>. Pela fé, o fiel crê que ali está o acto redentor, realizado sacramentalmente. Nela, a acção redentora está presente no meio do mundo, comunicando aos humanos de boa vontade; desperta continuamente a atenção e o

---

<sup>150</sup> Cf. Walter Kasper, *Sacramento de la unidad, Eucaristía e Iglesia* (Editorial Sal Terrae Santander, 2005), 46.

<sup>151</sup> Cf. *Ibidem*, 47.

<sup>152</sup> Cf. *Ibidem*, 47.

<sup>153</sup> Cf. *Ibidem*, 96.

<sup>154</sup> Cf. *Ibidem*, 97.

<sup>155</sup> Cf. *Ibidem*, 98.

<sup>156</sup> Cf. G.M. Garrone, *A eucaristia coluna da fé* (Edições Salesianas, Porto, 31 de Agosto de 1971), 75.

esforço, respondendo às dúvidas sobre a presença de Deus<sup>157</sup>. Portanto, reduzir a presença eucarística de Jesus a uma obra humana, perde-se o valor que confere à nossa fé. Porque, através dos contactos sensíveis com os olhos (pão e vinho) de Cristo, a fé chega até a sua nascente<sup>158</sup>. Deus vem sensivelmente ao nosso encontro por meio do sacramento. Comungar o Pão e Vinho (Corpo e Sangue) de Cristo significa formar uma comunidade com Ele, conhece-Lo, estar aberto a Ele, escutá-Lo e vê-Lo, tendo como base o amor, respeito e admiração<sup>159</sup>. Sendo assim, Jesus habita em nós, e nós Nele, na vida quotidiana. Pois, na Eucaristia, Deus chega, em Jesus Cristo, a ser realmente companheiro da nossa vida, para que não estejamos isolados, nem nós d'Ele, nem Ele, de nós. A fé atinge a sua plenitude<sup>160</sup>.

A eucaristia repete aos humanos, que Cristo é o «Pão da Vida» e, por sua vez, com a profundidade da fé, os humanos entram em contacto com Cristo para alimentarem a Vida, e serem salvos. A presença Real de Cristo alimenta a nossa fé na presença real e activa de Deus, que constrói o Seu Reino e convida toda a humanidade a dar a sua colaboração para poder regressar a Deus, em Jesus Cristo<sup>161</sup>. Jesus espera-nos, ao acolher a nossa prece e ao abrir-nos a porta para um acto mais explícito e mais fácil de fé na sua presença, sob todas as suas formas. A fé na «Presença real» na Eucaristia exige a atitude interior e exterior.

A Eucaristia traz-nos o instrumento providencial que comunica permanentemente à nossa fé o sentimento e a força, tendo a esperança como atitude

---

<sup>157</sup> Cf. *Ibidem*, 76.

<sup>158</sup> Cf. *Ibidem*, 80.

<sup>159</sup> Cf. Joseph Ratzinger, *La Eucaristía centro de la vida. Dios está cerca de nosotros* (1ª Edição, 2003), 106.

<sup>160</sup> Cf. *Ibidem*, 114.

<sup>161</sup> Cf. G.M. Garrone, *A eucaristia coluna da fé* (Edições Salesianas, Porto, 31 de Agosto de 1971), 82.

interior de firmeza<sup>162</sup>. A esperança conserva nos corações dos fiéis a certeza das promessas divinas, que é a «glória», com Jesus Cristo no céu e na eternidade<sup>163</sup>. Não será esta esperança um estímulo psicológico apenas para a vida presente? Sim e não, depende da fé de cada um. Talvez seja um sim para os não crentes e um não para os fiéis. Pela fé, pode-se ter certeza, a certeza de fé, que estas promessas se realizarão, e tudo o que há em nós de desejo de O (Deus) conhecer e de O amar será satisfeito. E também, pela fé, temos a certeza que virá um dia em que Deus glorificará plenamente a Cristo na nossa presença, para nós, e em nós, quando Cristo for perfeitamente conhecido e amado.

A Eucaristia mantém em nós o realismo da fé em relação às promessas de Deus<sup>164</sup>. Somos arrastados para a glorificação de Cristo para, desde aqui, encontrarmos a felicidade prometida. Através da Eucaristia é-nos comunicada verdadeiramente a integralidade da Revelação da fé que é Cristo, nosso Salvador, que nos comunica a sua graça redentora, e por Ele descobrimos o Mistério do Pai, descobrimos também a perspectiva da Redenção e Salvação do mundo<sup>165</sup>. Por estes meios, revela-se a plenitude da nossa fé em nós.

#### **1.4 A Misericórdia, chave no acontecimento de Fátima**

A palavra *misericórdia* provem do *misere* e *cor/cordis*. Ter um coração solidário com os que têm necessidade. Associa com a compaixão e perdão<sup>166</sup>. No Antigo Testamento esta palavra define-se por duas expressões: *hesed* e *Raham*. É a

---

<sup>162</sup> Cf. *Ibidem*, 84.

<sup>163</sup> Cf. *Ibidem*, 88.

<sup>164</sup> Cf. *Ibidem*, 98.

<sup>165</sup> Cf. *Ibidem*, 105.

<sup>166</sup> Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais* (Jubileu da Misericórdia: Paulus Editora, 2015-2016), 17.

atitude de bondade, significa graça e amor; *Raham* indica o amor de uma mãe implica bondade, ternura, paciência, compreensão e disposição em perdoar<sup>167</sup>. No Novo Testamento é *eleos*, de onde surge *Kyrie eleison: Senhor tende piedade / misericórdia*. A misericórdia bíblica expressa o sentimento perante a necessidade e infortúnio. É ter compaixão e piedade, afecto de mãe para com os filhos<sup>168</sup>.

Na Bíblia Hebraica, *Rahum* significa: *misericioso*. Aplica-se só a Deus, só Ele é *Rahum*, misericordioso. O *Rahum* preenche toda a “omnipotência” ou a “volumetria” de Deus. É a essência de Deus, a sua atitude eterna no relacionamento com o ser humano. Deus é o Misericordioso. A misericórdia é da manifestação de Deus na história<sup>169</sup>.

No aramaico *Rah<sup>a</sup>mîm*, misericórdia deriva de *Rehem*, quer dizer útero. É a relação com o outro, e é a própria maternidade. Deus misericordioso é Deus definido como maternidade. Um Deus maternal que supera todo o amor humano, incluído o amor maternal. O próprio Deus demonstra como Ele é o Deus maternal, com as seguintes palavras: «Acaso pode a mulher esquecer-se do seu bebé, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse, eu nunca te esqueceria» (Is 49,15)<sup>170</sup>. Ante o Deus maternal, o orante pode sempre nutrir verdadeiros sentimentos de confiança<sup>171</sup>.

No dizer de S. Agostinho e Tomás de Aquino, «misericórdia» reclama um coração que se faz próximo com amor de quantos estão em necessidades, os últimos, os descartados e os *miseri*, ou seja, é o olhar do amor que gratuitamente se debruça sobre a miséria; e mais, é um amor fiel, que nunca se rende, não obstante a infidelidade da humanidade. E os Padres da Igreja recordam que o coração de Deus dá-se à miséria<sup>172</sup>.

---

<sup>167</sup> Cf. *Ibidem*, 18.

<sup>168</sup> Cf. *Ibidem*, 19.

<sup>169</sup> Cf. António Couto, *A Misericórdia. Lugar e Modo* (Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira: 1ª Ed., Abril de 2016), 18.

<sup>170</sup> Cf. *Ibidem*, 19.

<sup>171</sup> Cf. *Ibidem*, 22.

<sup>172</sup> Cf. *Ibidem*, 22.

De facto, Deus manifesta a sua ternura perante a miséria humana e, por sua vez, o ser humano deve mostrar-se misericordioso para com o seu próximo, à imitação do Deus Senhor da misericórdia<sup>173</sup>. No Antigo Testamento assistimos a manifestação da misericórdia de Deus sobre Israel, povo eleito, começando na vocação de Moisés, em que Deus Disse:

«Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra os seus opressores, e conheço os seus sofrimentos. Por isso desci para o libertar». (Ex 3,7-8).

Esta atitude demonstra Deus fiel com os seus compromissos, fidelidade à Aliança com o povo eleito. Deus, na sua misericórdia não pode suportar a miséria do seu povo eleito<sup>174</sup>. Israel sentiu e experimentou esta misericórdia, tem a convicção de que a misericórdia de Deus supera toda a experiência humana. Deus tira o pecado e absolve a culpa do povo, não guarda a sua ira e dá preferência ao amor<sup>175</sup>.

Durante o processo da vida do ser humano, ninguém é sempre fiel a Deus. Há sempre a infidelidade para com Deus, causado pelo desejo pessoal de querer e fazer tudo, ignorando a Voz de Deus e a Sua vontade. E isso faz que, a humanidade busque o poder, as riquezas terrenas, donde a injustiça e a indiferença para com o próximo, sobretudo para com os fracos e simples. Como se o próximo não existisse. São os comportamentos que levam o ser humano a afastar-se de Deus e por isso, o encaminham para o mal que é criado por ele (ser humano) mesmo. Assim, o ser humano perde a sua relação com Deus e a salvação. Como Deus é misericordioso, sempre fiel às suas promessas, mandou o Seu Filho, Jesus Cristo torna-se «semelhante aos homens» (FL

---

<sup>173</sup> Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais* (Jubileu da Misericórdia: Paulus Editora, 2015-2016), 19.

<sup>174</sup> Cf. *Ibidem*, 20.

<sup>175</sup> Cf. *Ibidem*, 21.

2,7), experimentando a condição dos que queria salvar<sup>176</sup>, com entranhas de misericórdia ou amor, amor entranhado de Deus<sup>177</sup>. Da sua misericórdia se espera a libertação definitiva de todo o mal, um valor da salvação futura e definitiva<sup>178</sup>. Jesus é a misericórdia encarnada do Pai<sup>179</sup>. Significa que, a misericórdia de Deus no Antigo Testamento faz visível em Jesus que é a misericórdia de Deus em Pessoa, e com Jesus se encontra o sentido e a plenitude do Antigo Testamento<sup>180</sup>.

Jesus revela ao povo a misericórdia, como relata no Evangelho de S. Mateus: «Vendo as multidões, Jesus teve compaixão» (Mt 9,36), «Jesus viu grande multidão. Teve compaixão deles» (Mt 14,14), «Tenho compaixão desta multidão» (Mt 15, 32)<sup>181</sup>. A misericórdia de Deus é para “multidões”, para nós, pois nós dela necessitamos, devendo aproximar-nos dela para a acolher. O acolhimento é invocação, reconhecendo-nos pecadores, fracos, simples, aflitos e oprimidos, sem poder para nos levantarmos. Por isso, dirigimos a Jesus a invocação de «Senhor tende misericórdia/piedade» (Mt 15,22). A misericórdia de Deus vem para todos, sobretudo os fracos, os oprimidos e os pobres. São estes que conseguem a libertação do Reino de Deus<sup>182</sup>. Cristo é médico. A sua compaixão para com todos os que sofrem<sup>183</sup>. De facto, somos como filhos de Deus, devemos ter em nossa consciência e mais nas nossas atitudes e comportamentos, o respeito pela pessoa humana: o dever de nos fazermos o “próximo” do outro, e de modo tanto mais premente quanto outro for mais indefeso, seja em que domínio for, pois, Deu

---

<sup>176</sup> Cf. *Ibidem*, 26.

<sup>177</sup> Cf. António Couto, *A Misericórdia. Lugar e Modo* (Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira: 1ª Ed., Abril de 2016), 56.

<sup>178</sup> Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais* (Jubileu da Misericórdia: Paulus Editora, 2015-2016), 22.

<sup>179</sup> Cf. Card. Christoph Schönborn, *Hemos encontrado Misericórdia. El misterio de la Divina Misericordia* (2ª Ed. Ediciones Palabra, S. A., 211), 25.

<sup>180</sup> Cf. *Ibidem*, 32.

<sup>181</sup> Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais* (Jubileu da Misericórdia: Paulus Editora, 2015-2016), 26.

<sup>182</sup> Cf. *Ibidem*, 28.

<sup>183</sup> Cf. *Ibidem*, 30.

dirige a sua misericórdia a pessoa, toca-a na sua dignidade<sup>184</sup>. É como diz no livro de Ben Sirá: «A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos» (Ecl 18,12)<sup>185</sup>. No fundo, a preocupação para com o próximo remete para a preocupação para com Deus. Porque o próprio Jesus disse: «quantas vezes o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt 25,40)<sup>186</sup>. A identificação com Cristo «dos irmãos mais pequeninos» é como objecto das obras de amor e de misericórdia<sup>187</sup>. É identificação do indigente com o mesmo Senhor. O que não presta atenção ao que sofre, menospreza o Senhor presente nele<sup>188</sup>.

Jesus ensina-nos a praticar a obra da misericórdia. A nossa misericórdia para com o próximo leva-nos mesmo até ao próprio Deus. Ser misericordioso para com o próximo é a mesma forma que ser de tal maneira para com Deus. O que “fazemos a um dos irmãos mais pequeninos, é a Jesus que o fazemos”. Estando Jesus em íntima união com o Pai misericordioso, ou «o Pai das misericórdias», é natural que nos mande ser como Ele<sup>189</sup>. O endurecimento de coração é o pecado maior do ser humano, e é traição a Deus, e uma trágica perda da própria humanidade<sup>190</sup>. Por causa deste endurecimento de coração que Deus mandou Jesus Cristo, Seu Filho, a transforma-lo, como dizem os profetas: «Jesus veio arrancar-nos de pedra e a dar-nos um novo coração de carne» (Cfr. Ez 11,19; 36, 26-27; Jr 31,33;32,39)<sup>191</sup>.

---

<sup>184</sup> Cf. Card. Christoph Schönborn, “*Hemos encontrado Misericórdia. El misterio de la Divina Misericordia*” (2ª Ed. Ediciones Palabra, S. A., 211), 51.

<sup>185</sup> Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais* (Jubileu da Misericórdia: Paulus Editora, 2015-2016), 21.

<sup>186</sup> Cf. *Ibidem*, 30.

<sup>187</sup> Cf. *Ibidem*, 34.

<sup>188</sup> Cf. *Ibidem*, 36.

<sup>189</sup> Cf. António Couto, *A Misericórdia. Lugar e Modo* (Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira: 1ª Ed., Abril de 2016), 56.

<sup>190</sup> Cf. Card. Christoph Schönborn, *Hemos encontrado Misericórdia. El misterio de la Divina Misericordia* (2ª Ed. Ediciones Palabra, S. A., 211), 68.

<sup>191</sup> Cf. *Ibidem*, 68.

O comportamento misericordioso de Jesus pretende curar, acolher, ensinar e partilhar. É confronto com o comportamento insensível, não-acolhedor, exclusivista, consumista, egoísta e egocêntrico. Sobre estes comportamentos de Jesus, podemos evocar algumas acções d'Ele para com o povo, recorrendo alguns episódios significativos do Evangelho. Por exemplo: Jesus em acção de misericórdia perante as fomes de pessoas. Começaremos pelo episódio de Mc 6,30-37, que diz o seguinte:

«E reúnem-se os apóstolos junto de Jesus e contam-lhe todas as coisas que tinham feito e ensinado. Ele diz-lhes: “vinde vós, à parte para um lugar deserto, e descansai um pouco”. Eram, na verdade, muitos os que vinham e partiam, e nem sequer para comer tinham tempo. E partiram numa barca para um lugar deserto, à parte. Viram-nos, porém, partir, e sabendo, muitos, a pé, de todas as cidades, correram e chegaram antes deles. E tendo saído da barca, viu uma grande multidão e foi tomado de misericórdia por eles, porque eram como ovelhas sem Pastor (cf. Is 53,6). E começou a ensinar-lhes muitas coisas. E tendo a hora adiantado muito, aproximaram-se d'Ele os discípulos d'Ele e diziam: “ O lugar é deserto e a hora adiantada. Manda-os embora, para que, partindo para os campos e aldeias à volta, comprem de comer para si mesmos”. Então, Ele respondendo, disse-lhes: Dai-lhes vós de comer»<sup>192</sup>.

A misericórdia de Deus recai sobre dois dos aspectos essenciais da natureza humana: a fome e a sede. Os famintos foram ter com Jesus, não só por terem fome de pão mas também fome da palavra. Por isso, Jesus, antes de saciar a fome com o pão, ensinou-os primeiro com a Palavra. São exigências simultâneas e complementares. É o contrário do que sucede geralmente com a nossa sociedade actual. A maioria das pessoas sentem mais fome de pão do que da Palavra, anda incansavelmente em busca de bens terrenas e das riquezas e valores efémeros; mantendo-se indiferentes para com a Palavra (de Deus), desconhece até o termo “misericórdia”.

Outro episódio é o de acção da misericórdia de Jesus perante a dor da viúva de Naim. Eis o relato de S. Lucas:

---

<sup>192</sup> Cf. António Couto, *A Misericórdia. Lugar e Modo* (Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira: 1ª Ed., Abril de 2016), 58.

«E aconteceu de seguida que foi para uma cidade chamada Naim, e iam com Ele os seus discípulos e uma grande multidão. Ao aproximar-se da porta da cidade, eis que era transportado a sepultar um morto, filho único da sua mãe, que era viúva, e muita gente da cidade estava com ela. Ao vê-la, o Senhor foi tomado de misericórdia por ela, e disse-lhe: “Não chores!”. E aproximando-se, tocou no esquife, e os que o levavam pararam, e Ele disse: “Jovem, eu te digo, levanta-te!”. E o morto sentou-se e começou a falar, e Ele deu-o à sua mãe. Tomou então o temor conta de todos, e davam glória a Deus, dizendo: “Um grande profeta se levantou entre nós, e Deus visitou o seu povo!”» (Lc 7, 11-16)<sup>193</sup>.

A misericórdia de Jesus perante a dor do seu povo, cura-o, dá-lhe alegria, restitui a oferta da vida. Finalmente o povo reconhece a misericórdia de Deus e sente a presença de Deus no meio deles. Jesus misericordioso revela a comoção entranhada, maternal, divina<sup>194</sup>. Jesus dirige-se a cada ser humano necessitado, toma sobre si a sua dor e ajuda-o. Perante o sofrimento do seu povo, intervém por pura graça, mostrando que, Deus vem, pela sua misericórdia, salvar o seu povo da dor, da opressão e da morte. Porque a misericórdia de Deus para com o seu povo é inesgotável e imponente. Por isso Jesus procedeu contra a lei sabática, ao salvar uma vida no sábado, ao curar no sábado<sup>195</sup>.

Deus visita o seu povo e dá o filho à mãe, levanta a esperança e assegura o futuro do seu povo<sup>196</sup>. A missão de Jesus é a expressão desta misericórdia maternal de Deus. A sua vinda é sempre o dom da misericórdia fiel de Deus<sup>197</sup>.

A misericórdia de Deus é permanente. Os olhos de Deus estão fixos no seu povo, sobretudo nos simples, sofredores e pecadores.

---

<sup>193</sup> Cf. *Ibidem*, 60.

<sup>194</sup> Cf. *Ibidem*, 61.

<sup>195</sup> Cf. Card. Cristoph Schönborn, *Hemos encontrado Misericórdia. El misterio de la Divina Misericordia* (2ª Ed. Ediciones Palabra, S. A., 211), 69.

<sup>196</sup> Cf. António Couto, *A Misericórdia. Lugar e Modo*, (Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira: 1ª Ed., Abril de 2016), 62.

<sup>197</sup> Cf. Card. Cristoph Schönborn, *Hemos encontrado Misericórdia. El misterio de la Divina Misericordia* (2ª Ed. Ediciones Palabra, S. A., 211), 50.

Em Fátima, se fez presente, no Anjo e em Maria. É o Deus, revelando que é “rico em misericórdia”<sup>198</sup>. Na situação da dureza e crueldade brilha a misericórdia como “uma potência especial do amor que prevalece sobre o pecado e a infidelidade”<sup>199</sup>. É no contacto com o mal que a “imagem do amor de Deus” se manifesta como misericórdia<sup>200</sup>.

Nas aparições de Fátima, a misericórdia é o fio condutor, vinculado aos corações de Jesus e Maria. Na primeira aparição, em 1916, o Anjo disse aos pastorinhos “os corações de Jesus e Maria estão atentos à Voz das [suas] súplicas”, porque “têm sobre [eles] desígnios de misericórdia”. O mesmo se verifica também na visão de 1929, em Tui, onde apresenta uma cruz de luz; sob o braço direito da cruz, estava Nossa Senhora de Fátima com o seu Imaculado Coração, sob o braço esquerdo a menção de “*Graça e Misericórdia*”. Na aparição de Julho de 1917: depois de ter mostrado o Inferno e as situações infernais deste mundo, mostra também o caminho para impedir o triunfo do mal. Caminho que é o Imaculado Coração de Maria<sup>201</sup>. Na convocação ao Coração que se encontra a salvação<sup>202</sup>. Neste Coração condensa-se o amor que não pode ser destruído por nenhum pecado, nem pelo Inferno. Este Coração nos conduz a Deus. Lúcia desabafava: «O Imaculado Coração era o meu refúgio e o caminho que me conduziria a Deus»<sup>203</sup>.

Em Fátima, Deus manifesta a sua misericórdia para com os pecadores e as almas desgraçadas ou perdidas no Inferno. A Senhora mostrou aos pastorinhos o Inferno, estão almas, e exige a salvação delas. Eis o relato da terceira memória: «Vistes o Inferno para onde vão as almas dos pobres pecadores; para salvá-las, Deus quer

---

<sup>198</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 255.

<sup>199</sup> Cf. *Ibidem*, 255.

<sup>200</sup> Cf. *Ibidem*, 256.

<sup>201</sup> Cf. *Ibidem*, 251.

<sup>202</sup> Cf. *Ibidem*, 252.

<sup>203</sup> Cf. *Ibidem*, 252.

estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração»<sup>204</sup>. Este Imaculado Coração faz-nos perceber a dimensão do Amor radical de Deus: *a sua misericórdia*, tal como se manifesta *no Coração de Maria*»<sup>205</sup>.

Questionamos sobre o porquê é que a divina misericórdia está também vinculada ao Coração de Maria? A resposta é, porque, desde princípio, Jesus Cristo uniu à sua obra redentora o Coração Imaculado que escolheu como Mãe; por isso, durante nove meses, o sangue de Cristo era sangue de Maria, colhido da fonte do seu coração, e as palpitações do coração de Cristo batiam com as palpitações do coração de Maria<sup>206</sup>. Maria é a criatura que experimentou a misericórdia e tornou possível, com o sacrifício do coração, a sua participação na revelação da misericórdia divina, que aponta para a própria vida da Trindade<sup>207</sup>.

A promessa misericordiosa de Deus em favor da história humana não está perdida. Mesmo quando parece que o coração do povo anda perdido, conduzido pelo pecado, inquieto pela ausência da paz, envolvido pela guerra que cria o sofrimento. Deus fez descer, a sua misericórdia, através das presenças do Anjo e de Maria para desemperedir e despertar o coração do povo, reconhecer os maus actos e se arrepender. A mensagem inicial de Fátima situa-se entre a lamentação pelo estado do mundo, marcado pelo pecado e pela guerra<sup>208</sup>. Esta é a manifestação da misericórdia de Deus, da sua acção gratuita em favor da humanidade, dirigida aos simples, aos pecadores, aos pequeninos e aos pobres<sup>209</sup>. A experiência fundamental do peregrino é a de misericórdia vivida pelos simples que reconhecem nada merecer da Graça, como dádiva gratuita de Deus, sobretudo no perdão, e não pelos poderosos que vivem de orgulho daquilo que

---

<sup>204</sup> Cf. Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015), 121.

<sup>205</sup> Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *A Mensagem de Fátima. A Misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (2ª Edição: Santuário de Fátima, 2014), 253.

<sup>206</sup> Cf. *Ibidem*, 254.

<sup>207</sup> Cf. *Ibidem*, 260.

<sup>208</sup> Cf. João Manuel Duque, *Fátima uma aproximação* (Paulinas editora, 2017), 83.

<sup>209</sup> Cf. *Ibidem*, 83.

podem. Os simples reconhecem as suas fraquezas e se arrependem dos seus pecados contra Deus. A profundidade dessa experiência torna-se visível no número elevado de confissões que sucedem diariamente no Santuário<sup>210</sup>.

A acção humana má ou incorrecta, quer por desrespeito das regras da justiça, quer pelo endurecimento de coração para com os outros, ninguém a pode eliminar ou inverter pela sua própria força, senão pela força do Espírito Santo com a poderosa misericórdia de Deus. A acção perversa do ser humano é revelação do abismal problema do mal moral, presente no mundo e no coração dos humanos, é o que se chama pecado. De tal modo, desgraça ou mata o ser humano na sua dignidade, e também, por consequente disto que leva as almas pecadoras ao inferno, por isso, o ser humano tem a necessidade de recorrer-se ao perdão de Deus<sup>211</sup>.

A atitude de misericórdia é aquela que define, por excelência, a maternidade e a paternidade de Deus e do encontro misteriosa da sua misericórdia. E a filiação é aquilo que define o receptor da misericórdia. E a humildade do filho é o modo como o humano corresponde à dádiva misericordiosa de Deus<sup>212</sup>.

É um dom de Deus com ânsia da paz e dos desejos encontro de entendimentos e de devoção e de louvor por muitos daqueles que aceitam ser acolhedores da divina misericórdia para bem de todo o mundo. Deus abre-nos o Seu Coração misericordioso, e por sua vez, nós, com o coração agradecido, entramos n`Ele. Na nossa situação, perante o mal, temos a consciência clara de que não temos força para superar essa culpa com o mérito de nós próprio, mas conseguimos o perdão pela misericórdia de Deus. Esta misericórdia é uma dádiva gratuita da vida da mãe ao filho, sem condições. É a misericórdia maternal de Deus, mediada pelo Anjo e pela Maria, como modo primordial da sua relação com os humanos.

---

<sup>210</sup> Cf. *Ibidem*, 84.

<sup>211</sup> Cf. *Ibidem*, 86.

<sup>212</sup> Cf. *Ibidem*, 88.

Ao entrar no Coração misericordioso de Deus requer-se a capacidade de acolher, em confiança e simplicidade. Por isso, não é inocente, o facto de o acontecimento de Fátima se basear em três crianças, escolhidas por Deus como destinatárias humanas de uma mensagem, de uma interpelação, em representação de toda a humanidade<sup>213</sup>.

---

<sup>213</sup> Cf. *Ibidem*, 89.

### CAPÍTULO III: FÁTIMA E A SALVAÇÃO-QUESTÃO SOTERIOLÓGICA.

De todas as mensagens trazidas por Anjo e Maria têm os seus profundos objectivos. O principal de tudo é Deus vem ter com o ser humano para lhe levar de volta junto d'Ele. Deus é fiel à Sua aliança e quer que todos se salvem. Por isso, como caminho para alcançar a salvação, Deus apresenta, nas mensagens de Fátima, alguns subtítulos tratados no segundo capítulo deste trabalho.

Neste capítulo temos em consideração na nossa elaboração como a consequência ou o fruto de todos os esforços, de pôr em prática os pedidos vindos do Céu aos humanos. Ou seja, é o alcance da plenitude da busca. O ser humano é criado e destinado para a vida de Deus. Tem direito e dever de viver a felicidade, a paz, o amor, não só neste mundo mas também até para além da morte, que é a vida Eterna ou o Reino de Deus. As exigências e os pedidos que Deus tem feito aos humanos com o intuito o bem dos humanos, e ao mesmo tempo, mostra-se a grandeza do amor, da misericórdia de Deus para com as suas criaturas. O ser humano é recolocado, neste processo, à verdadeira vida para viver em plenitude com Deus, na paz e na felicidade eterna e no amor eterno.

#### **1. A Paz**

A vida humana, no estado pessoal, ou no comunitário, é perturbada por efeito das injustiças, desrespeitos da dignidade humana e seus valores. Em consequência disso ocorre o desaparecimento do amor, sem o qual se reduz mais a paz. A paz é o fruto do amor, e vai muito mais longe do que aquilo que a justiça nos pode trazer<sup>214</sup>. Desde o princípio do processo da vida se busca da paz. Não só duma paz exterior, mas também interior. Que estabelece a harmonia na comunidade humana, tanto a nível pessoal

---

<sup>214</sup> Cf. José da Cruz Policarpo, *Uma Ordem Ética para a Paz* (In *Mensagens para a Paz*, Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz, (S. João de Estoril: Cascais, 1ª ed., de 2002), 14.

(consigo mesmo), como a nível comunitário (paz com os outros). Não poderemos consegui-la sem salvaguarda do bem das pessoas e a livre e confiante comunicação, entre os seres humanos e não humanos. A paz constrói-se através do sistema ético, isto é, a vontade firme de respeitar as ordens de valores: a dignidade e a liberdade de cada pessoa, e cada povo e cada ser, com as suas tradições culturais e espirituais, e a prática assídua da fraternidade universal. Tendo como o fundamento o realismo do amor fraterno<sup>215</sup>. Pelo dinamismo quotidiano do amor mútuo e das suas vontades enérgicas de fraternidade dá fruto a paz. Na medida em que a humanidade progredir na descoberta da fraternidade e do amor, ela trilhará os caminhos da paz<sup>216</sup>.

Para além da visão geral da humanidade, de modo particular, os cristãos devem entender que a conexão entre a construção da paz e a realização do mandamento do amor é evidente. Pois, o Evangelho é uma mensagem de paz e de toda a verdadeira paz que partindo do dom da paz em Jesus Cristo, que Ele viveu e nos impele a viver. Ele veio como garantia da paz universal. Este dom divino da paz germinará na nossa paz, de humanos; aprofunda-se na nossa vida e reencontrar-se um dia em Jesus Cristo com a sua plenitude. De facto, o amor que edifica a paz é o lugar do encontro entre a natureza e a graça<sup>217</sup>. O amor gera a paz, e na paz se encontra o sossego da vida: moral e espiritual.

O sistema ético, que dinamiza a humanidade como um todo centra-se no ser humano, no seu mistério, na vocação à relação interpessoal, na comunidade. Neste horizonte ético vislumbra-se a transcendência do mistério do ser humano, revelada em Jesus Cristo, que lhe traça os caminhos e define as exigências de respeitar e valorizar o ser humano, dotado de inteligência e coração e como tal capaz de inter-relação. Pois, é nesta dimensão que se enraízam os valores como a solidariedade, a corresponsabilidade,

---

<sup>215</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

<sup>216</sup> Cf. *Ibidem*, 15.

<sup>217</sup> Cf. *Ibidem*, 16.

o respeito na convivência, e a comunidade. Embora a paz seja a obra de justiça e amor, é na experiência pessoal da solidariedade que o amor acontece<sup>218</sup>. O humano torna-se egoísta se quando a sua relação com as riquezas materiais, dominado pela ciência e pela técnica não se resolve no contexto da corresponsabilidade interpessoal, deixando o amor ao próximo para traz e satisfaz só o seu próprio desejo. Esta atitude é uma ameaça contínua para a paz, porque, sendo assim, o humano torna-se, cada vez mais, senhor do mundo, razão pela qual, este domínio leva a humanidade ao conflito. Por isso, é necessário ser administrado com a força ética do amor. Só o amor pode evitar o triunfo material que transforma em egoísmo o humano<sup>219</sup>.

O ser humano, pelo seu desejo de ter (riquezas matérias e poderes) e de ser (grandes e poderoso), torna-se egoísta, e como tal, rejeita, e esquece Deus em nome da sua própria humanidade, e embora, de fato, o ser humano seja incompreensível e inviável sem Deus. Contudo, a humanidade não é e nem será capaz de construir uma paz durável, positiva, que não seja apenas ausência de guerra, mas seja triunfo do humano, pelo amor, enquanto a questão de Deus<sup>220</sup>. O erro que desfalece a capacidade da humanidade em construir uma paz durável está na sua rejeição de Deus, e na consideração do problema Deus como uma questão sem incidência histórica. De fato, Deus é Aquele que sempre intervém na história da salvação do humano. O humano encontra a paz enquanto é salvo por Deus, triunfo pelo amor.

A paz é dom de Deus confiado aos humanos, apresenta-se diante de nós nas definições dos nossos compromissos e de tomar as nossas decisões. Interpela os humanos para que sejam responsáveis uns pelos outros. Ela não é um equilíbrio superficial de interesses matérias na ordem da quantidade das coisas, mas, na sua realidade profunda é de sujeitos humanos, e portanto, é de natureza racional e moral,

---

<sup>218</sup> Cf. *Ibidem*, 17.

<sup>219</sup> Cf. *Ibidem*, 17.

<sup>220</sup> Cf. *Ibidem*, 18.

que é fruto da verdade e da virtude, que, no fim, resulta do dinamismo das vontades livres, guiadas pela razão no sentido de bem comum a atingir na verdade, na justiça e no amor. Este sentido nos remete a entender que a paz provém de Deus, como de seu fundamento: ela é um dom de Deus<sup>221</sup>. Embora a paz seja um dom confiado ao humano, mas exige ao humano a responsabilidade de a procurar e de empenhar-se no sentido de instaurar, mediante esforços pessoais e comunitários, ao longo da história. Pois, o dom divino da paz é uma conquista e uma realização humana; com efeito ele é proposto ao humano para ser acolhido de modo livre para depois pôr em prática pela sua vontade. Isto mostra que, a Providência, dado ao seu amor pelo humano e o impele sempre e mesmo o humano esteja nas situações obscuras, recondu-lo ao caminho da paz<sup>222</sup>.

A humanidade, envenenada pelos desejos imoderados das coisas materiais, provoca as injustiças pelas quais se estabelecem as guerras, cuja consequência dessa é a ausência da paz. A ausência da paz não só exterior mas também interior. Não tem paz para com os seus próximos nem para consigo mesmo, pois no seu ser não se encontra o rumo certo da vida. Só em Deus, no seguimento da vida pelo fruto de amor, a humanidade encontra a paz; paz com os outros e paz para consigo mesmo. Por isso, Cristo, como Deus, veio pregar o Evangelho da paz, estabelece-a nos corações, para nos reconciliar com Deus, através da nossa reconciliação com os nossos próximos<sup>223</sup>. A paz como dom de Deus, tem como objetivo a instauração da mesma paz neste mundo. Este dom é confiado em nós; devemos contribuir já para o estabelecimento nesta terra até à sua realização plena no Reino de Deus<sup>224</sup>. Para obter esta realização devemos renunciar às injustiças, ao ódio e à guerra que são os actos pecaminosos, pecado contra os próximos e contra Deus, aplicarmos os bons actos em promover a justiça e a paz. Não é

---

<sup>221</sup> Cf. *Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XV dia Mundial da Paz (1 de Janeiro de 1982)*, In *Mensagens para a Paz, Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz* (S. João de Estoril: Cascais, 1ª ed., de 2002), 110.

<sup>222</sup> Cf. *Ibidem*, 111.

<sup>223</sup> Cf. *Ibidem*, 111.

<sup>224</sup> Cf. *Ibidem*, 111.

possível obter esta paz sem conversão, purificação e reparação desde as raízes do pecado pessoal e social.

A existência da paz numa comunidade autenticamente humana é animada pelo espírito de Cristo. Tendo como a sua fonte é a unidade derivada da sua comum consagração à verdade, da idêntica visão da dignidade humana, da pessoa e da mensagem de Cristo<sup>225</sup>. Esta paz é a fundamental exigência na Mensagem de Fátima, exorta a humanidade a evitar o pecado como efeito das injustiças, de ódios, de guerra...etc, com a conversão individual e colectiva, com o perdão e com a reparação dos pecados não só dos próprios mas também dos outros, em geral<sup>226</sup>. Estes pecados afastam a paz no meio da humanidade e afastam a humanidade de Deus. E através daqueles processos que se encontra a paz para a humanidade, a paz consigo mesmo, com os outros e estar no Divino dom da paz de Deus. Portanto, os momentos de processo da conversão, da reparação dos pecados e a reconciliação são os momentos que nos preparam para além de ter a paz já nesta vida, é mais para a vida eterna, porque, o anúncio bem-aventurado de reconciliação, universal em Cristo é o Evangelho da paz, que terá o seu cumprimento perfeito com a Perúsia final do Senhor e com a seguinte renovação última de todas as coisas na vida eterna<sup>227</sup>.

No acolhimento aos pedidos e exortações divinas, terá como recompensa a paz e a felicidade da vida. E aqueles que acolhem estes pedidos e exortações são os que têm sede de justiça e libertação, estão abertos à fé verdadeira em Deus da misericórdia e da paz. Estes são verdadeiros filhos de Deus que irão participar na plenitude escatológica

---

<sup>225</sup> Cf. Julio Terán Dutari, *Reflexiones universitarias sobre Fátima e a Paz*, (In *Fátima e a Paz*, congresso internacional sobre Fátima e a paz, No 75.º aniversário das aparições: Santuário de Fátima, 1993), 44.

<sup>226</sup> Cf. *Ibidem*, 45.

<sup>227</sup> Cf. *Ibidem*, 51.

da paz: «Felizes os que constroem a paz porque serão chamados filhos de Deus», (Mt 5,9)<sup>228</sup>.

### 1.1 A Felicidade

A aspiração mais profunda e fundamental do ser humano consiste em viver feliz, em gozar a felicidade. E é Deus quem proporciona ao ser humano a base da felicidade. Aqui está o critério fundamental duma fé autêntica assentada na relação entre o Deus que adoramos e a felicidade de vida que aspiramos<sup>229</sup>. Somos criados e destinados à felicidade, por Deus. Um Deus assim é Bom, é um Deus que nos ama, que é Pai, pois todo o ser humano deseja ser feliz. Todos nós temos o desejo de ser feliz. Este desejo é gravado no mais recôndito de ser de cada um de nós. O pior que se pode fazer é atentar contra a felicidade dos outros, pois somos todos destinados ao mesmo bem. Na vida de Jesus Cristo, Ele atenta contra o mal para nos constituir em felicidade.

O critério duma verdadeira fé no Deus de Jesus Cristo, consiste no compromisso decidido e sério de aliviar o sofrimento humano, de proporcionar a todos o máximo de felicidade já nesta vida, de fazer com que todos se sintam felizes, por haverem nascido<sup>230</sup>. Se Jesus Cristo nos proporciona a felicidade já neste mundo é porque Ele quer que esta nossa felicidade continue, não só neste mundo mas já neste mundo até à vida eterna. Com isto, devemos entender que, no fundo, o destino da nossa felicidade não é passageira. Deus quer-nos ver felizes agora para servi-Lo e continuaremos felizes em estar juntos com Ele, no Seu Reino.

A felicidade, na sua concepção, não é um conhecimento teórico mas sim um sentimento que se experimenta. Sobre este estado, alguns pensam que a felicidade assenta só do estado daquele que descobriu o sentido da sua vida e estabeleceu relações

---

<sup>228</sup> Cf. *Ibidem*, 51.

<sup>229</sup> Cf. José Maria Castillo, *Dios y nuestra felicidad*. Versão portuguesa: *Deus e a nossa Felicidade* (Editorial Franciscana: 1ª ed. 2001/09; 4ª ed. 2002/11), 60.

<sup>230</sup> Cf. *Ibidem*, 60.

harmoniosas com o seu ambiente, em particular na família e no trabalho<sup>231</sup>. Talvez por esta linha alguns dos humanos passem para a luta em busca da felicidade, prosseguindo apenas um fim: ganhar a vida, trabalhar muito, ter dinheiro, dedicar-se à sua profissão e simultaneamente ter em casa mulher ou homem e os filhos. Este prisma remete-nos a pensar só na vida terrena e ignorando a vida que-há de vir que aspiramos para ter as felicidades eternas, segundo a nossa fé cristã. Seríamos todos inspirados só pelos desejos materiais, em vez de ser também espirituais. Os desejos matérias muitas vezes, quando não sabemos lidar com eles, geram a ausência de amor em nós para com os nossos próximos, e tornam-nos egoístas.

O ambiente da felicidade, tanto a felicidade já nesta terra, como a felicidade que iríamos ter na vida eterna é o amor. Cristo vem salvar a humanidade não por faltar o sofrimento mas por faltar o amor<sup>232</sup>. O amor que nos faz feliz e nós levará a ter a felicidade eterna. Dito de outra forma, a felicidade é o fruto do amor. Pois, a felicidade profunda, fundamental, é determinada pelas nossas relações pessoais. Encontra-se em relação de amor com quem nos rodeia<sup>233</sup>. Isto faz-nos entender que avançar para, mais perto dos homens, e tanto mais perto ficaremos de Deus, a fonte da felicidade eterna. O meio de ficar mais perto dos homens para estar mais perto de Deus é através de amar a justiça, a verdade e ama com amor e sincero e fiel; e, nisto encontra-se a felicidade<sup>234</sup>.

Segundo os critérios acima, poderemos dizer que somos e seremos felizes não por prepararmos coisas materiais para viver mas por nos prepararmos para viver sempre; de tal maneira, também, seremos felizes para sempre<sup>235</sup>. Ao falar de viver sempre remete-nos para a vida eterna. A vida eterna principia-se na vida presente. A fé cristã não assenta apenas na vida futura mas é na presente e vida eterna, porque

---

<sup>231</sup> Cf. Louis Evely, *Liberdade-Vida imortal- a Felicidade-da Pobreza* (Conferências: Editorial Franciscana, Braga, 1969), 6.

<sup>232</sup> Cf. *Ibidem*, 92.

<sup>233</sup> Cf. *Ibidem*, 94.

<sup>234</sup> Cf. *Ibidem*, 99.

<sup>235</sup> Cf. *Ibidem*, 108.

acreditamos na Ressurreição da carne, o que isto significa que: a felicidade celestial será a felicidade humana<sup>236</sup>. Para isso, devemos ter mais amor a Deus que à nossa existência, respeitamos e amamos mais a Deus e ao próximo do que respeitamos e amamos o nosso trabalho.

No fundo, a felicidade eterna está revelado por Jesus Cristo, como Homem-Deus, presente em cada um dos que nos cercam. Reconhecê-Lo através do nosso próximo. De facto, Deus está no meio de nós e se a vida eterna consiste em conhecer o verdadeiro Deus e Aquele que Deus enviou, o Homem-Deus, e se não recebermos qualquer felicidade na terra desse conhecimento e desse amor, também não o conseguiremos de receber

Depois<sup>237</sup>. Deus vive, Deus está em nós, podemos conhecê-Lo, podemos viver de amor neste momento e viveremos sempre no amor. Se não somos felizes agora, jamais o seremos<sup>238</sup>. Acima de tudo, coloquemos a vida espiritual no nível mais alto nas nossas preocupações diárias.

## **1.2 A Vida Eterna**

A vida Eterna é a Vida Divina, Vida Celestial, Vida de Deus, em que Deus é tudo em todos, e onde está associada a participação da humanidade. Os humanos são criados e tendo por destino à vida eterna.

A participação exige a decisão pessoal de cada humano, através da sua experiência da fé, impelido pelo amor, com a actuação do Espírito Santo, na medida do seguimento da Lei de Deus: Amor, Justiça e Paz. Esta vida é a vida da perfeição de tudo o que os humanos, particularmente os crentes procuram com fé e amor. É a plenitude da vida divina. A recompensa do processo da experiência do realismo da fé. A fé e o amor em

---

<sup>236</sup> Cf. *Ibidem*, 108.

<sup>237</sup> Cf. *Ibidem*, 109.

<sup>238</sup> Cf. *Ibidem*, 109.

acto recebem o fruto da participação na Vida Eterna. A fé dos corações convertidos encontra a sua plenitude através da Revelação de Jesus Cristo, onde Deus é aceite e amado perfeitamente pelos humanos, que se amam, orientam o coração total para Deus e moram no Amor Eterno, ou, moram em Deus imortalmente. Por que Deus é Amor, e todos os seus filhos se distinguem pelo amor<sup>239</sup>. O amor Eterno, ambientado pela perfeição da Justiça e Paz, pelo qual, chega-se à posse da eterna felicidade. Os humanos que andam pelo caminho da verdade, de justiça e do amor, chegam a plenitude da sua Origem.

A vida eterna prepara-se na vida presente e alcança-se na plenitude da ressurreição, depois da morte física. Significa que, a morte tem o seu sentido profundo, pois, nascer é ser chamado para um destino eterno, por isso, morrer é ir ao encontro da realização de tal sentido. Morrer é caminho para a vida nova, verdadeira e definitiva que nos espera<sup>240</sup>. A vida nova é identificada em nós por Jesus Cristo. De facto, a Páscoa de Cristo é uma recriação, uma nova criação da humanidade. A Ressurreição de Cristo é o começo da ressurreição universal dos mortos<sup>241</sup>.

No dinamismo da fé, a vida é uma antecipação da Ressurreição, uma iluminação progressiva dada a quem escuta a palavra de Deus e a vive, um processo de transfiguração que nos torna cada vez mais conforme à Imagem de Jesus. Por tanto, na experiência do seguimento da lei de Deus, aplicada em actos da fé e caridade, sentimos já o sabor da eternidade. A eternidade já está também na experiência do acontecimento pascal de quem, dia a dia, crê e espera, sofre e ama com Jesus. Portanto, morrer é ir para a realização do destino da eternidade com toda a dignidade do exercício da liberdade que nos é dado para agradar a Deus e santificar o seu nome

---

<sup>239</sup> Cf. Irmã Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (4ª Edição: Secretariado dos Pastorinhos, 2007), 138.

<sup>240</sup> Cf. Carlo Maria Martini, *Creo en la vida eterna* (edicione de Giuliano Vigini, San Pablo, 2012), 12.

<sup>241</sup> Cf. *Ibidem*, 13.

na alegria e na dor, na vida e na morte. Vivemos na esperança de ser chamados a converter-nos em moradores da eternidade<sup>242</sup>. Contemplar a vida e a história como uma peregrinação para Deus: não se vive para a morte, mas para a vida. Morrer é apenas uma etapa para a ressurreição. A nossa ressurreição é uma acção de Deus em Jesus e em nós, de tal modo que a morte não tem nenhum poder<sup>243</sup>. Ressuscitamos para viver a vida Eterna. A ressurreição transforma o sentido da história e indica a sua verdadeira direcção, revela uma espera constante e universal escrita no coração dos humanos<sup>244</sup>. É a revelação da esperança do destino humano aberto ao futuro. A Ressurreição de Jesus Cristo responde às dúvidas que a humanidade tem sobre o seu destino aberto ao futuro, dando o entendimento que a morte não é a última palavra da vida. Jesus ressuscitou e apareceu aos Seus discípulos para nos permitir a ver n'Ele as primícias da nossa ressurreição, a certeza de uma vida que não terminará mais<sup>245</sup>.

A vida eterna encontra-se na fase da ressurreição, pela qual, nos coloca na plenitude da felicidade e da vida; é a realização do nosso desejo do próprio Deus em Cristo<sup>246</sup>.

Para os não crentes, a vida eterna poderia ser como que a fantasia, capacidade imaginativa dos humanos, que supõe real o objecto que orienta as forças e instintivos, necessidades e desejos. É esta imaginação que faz aparecer Deus e o Seu Céu como um ser real<sup>247</sup>. Por sua vez, Feuerbach afirma que a aparência engana, e a religião faz passar esta aparência por realidade. A ideia de Deus e da vida eterna é imaginação humana, produto da nossa fantasia criadora<sup>248</sup>. É um sentimento natural de dependência do humano, concretamente nos desejos e necessidades perfeitamente compreensíveis, na

---

<sup>242</sup> Cf. *Ibidem*, 14.

<sup>243</sup> Cf. *Ibidem*, 88.

<sup>244</sup> Cf. *Ibidem*, 89.

<sup>245</sup> Cf. *Ibidem*, 90.

<sup>246</sup> Cf. *Ibidem*, 108.

<sup>247</sup> Cf. Hans Kung, *Vida Eterna?* (Editorial Trotta, S.A., 2000), 63

<sup>248</sup> Cf. *Ibidem*, 63.

ânsia de felicidade, que é um produto do instinto geral de conservação dos humanos<sup>249</sup>. Os racionalistas (da razão pura), por sua vez, ao reclamarem as provas, declaram que a vida eterna é uma ideia sem realidade, ou um pensamento sem conteúdo, porque não tem provas<sup>250</sup>. Quando morrermos nada mais haverá. A vida finda-se na morte. A existência de uma vida mais além da morte é uma dedução humana. Esta negação ignora a realidade histórica da sua existência, por isso, é incapaz de conhecer a vida eterna. Racionaliza no meio da história, sem ter o olhar profundo para a sua origem, por conseguinte, impede o conhecimento do fim. Quem seria a pessoa que fez existir o mundo, inclusivamente os humanos, senão Deus? Se a vida nos é dada, qual seria a fonte, se não Deus? Se a vida nos é dada por Deus, porque razão não haver vida eterna, sendo Deus é imortal? Sabe-se que não há vida para além da morte, como explica o processo da existência do mundo e da humanidade, no seu começo? Tudo isto é questão de fé.

A fé na vida eterna, em consequência, é confirmada pelas experiências concretas da realidade do mundo e dos humanos, que são comunicáveis, e estão acessíveis a todos, confrontadas com a história de esperanças e experiências condensadas nos textos bíblicos<sup>251</sup>.

Ela (fé na vida eterna) tem carácter de decisão e decisão a favor da vida eterna tem carácter da fé. A decisão, encaminhada pela fé, de absolutizar a opção fundamental tomada diante a realidade e diante Deus como seu fundamento e meta<sup>252</sup>. Na fé enraíza-se a esperança de que, com a morte, não se acaba tudo, pois, de facto, nós não viemos do nada, mas de Deus. A fé que alimenta a esperança está fundamentada na Encarnação e Ressurreição de Jesus, sobre tudo na realidade do aparecimento de Jesus aos Seus,

---

<sup>249</sup> Cf. *Ibidem*, 64.

<sup>250</sup> Cf. *Ibidem*, 132.

<sup>251</sup> Cf. *Ibidem*, 133.

<sup>252</sup> Cf. *Ibidem*, 134.

antes da Ascensão. Depois da Ressurreição, ao aparecer aos Seus, demonstra a realidade da vida de além da morte. Por tanto, esta esperança baseia-se nessa realidade, entrega a um sentido da realidade total, e toda a nossa vida, para o Deus eterno, para a vida eterna. Em Jesus Cristo está a integração salvífica e a definitiva e total comunhão de Deus e de todos os humanos<sup>253</sup>. O acontecimento histórico de Jesus Cristo é para nós um conhecimento profundo, pois nele, se revela como esperança realizada e como um futuro aberto para todos. O acontecimento que mostra a sua “verdade” fazendo ver, a correspondência histórica entre a origem e o presente da nossa esperança; esperança constituída pela base existencial da vida e obra de Jesus, e o que Ele viveu como esperança realizada na sua conduta e, ao mesmo tempo, cheio de promessas com o anúncio do reino e a soberania de Deus, já presentes.

A vida eterna é analogia do Reino de Deus, onde se realça plenamente o senhorio de Deus, e é também paradigma do estado de salvação definitiva, em que os cativos são libertados, os que choram são consolados, os enlutados são alegres, a humanidade se liberta do domínio dos deuses impotentes, e reunidos com Deus e todos os anjos do céu, renovado e convertido em povo Seu para disfrutar a paz e a salvação sem fim e viver num estado de plenitude de ser<sup>254</sup>.

---

<sup>253</sup> Cf. Medard Kehl, *Escatologia* (Ediciones Sigueme Salamanca, 1992), 131

<sup>254</sup> Cf. *Ibidem*, 133.

## CONCLUSÃO

De facto, os acontecimentos Angelofânicos e Mariofânicos em Fátima são uma contínua manifestação da Misericórdia de Deus para com a vida da humanidade. Sobre os acontecimentos de Fátima, as interpretações, naquela altura, não são da mesma maneira para todos. Existem as controvérsias entre o Estado e a Hierarquia da Igreja. Na visão do Estado, para uns, as aparições são uma “ invenção ” da Igreja para ganhar dinheiro, e para outros, são a política da Igreja para ganhar o coração do povo e vencer o Estado, pois as aparições aconteceram na altura de conflito entre Estado e Igreja. De tudo isto, embora haja controvérsias, as aparições de Fátima não perdem a sua importância, pois esta é assegurada pelas suas verdades.

Deus é fiel à sua aliança para com o povo; Deus é um Pai para todos os filhos. A salvação para a vida eterna dos filhos é a maior preocupação do Pai; reencaminhar os filhos de um caminho errado para o caminho verdadeiro; salvar os filhos da vida efémera para a vida eterna.

A humanidade, pelo efeito do pecado, faz com que as suas almas afastam-se da vida eterna e se encaminham e caem no fogo do Inferno. E Deus, como fonte de Vida, não fica insensível a ver o sofrimento e morte das almas dos Seus filhos, por isso, desceu através da presença do Anjo e de Maria, a mostrar a realidade do Inferno e indica o caminho que leva a humanidade a se afastar do Inferno. Deus exige a conversão da humanidade. Que esta se converta de vida do pecado para a graça de Deus. Adoração a Deus, a oração, a penitência, o sacrifício e a vida eucarística são os meios que transformam a vida dos humanos, impedem a ida das almas para o Inferno, e as levam para o Céu.

Ao adorar as realidades do mundo, senão a Deus, a humanidade se escraviza a si própria diante destas mesmas realidades, sendo que esta se afasta de Verdadeiro Deus, como Início e Fim da vida. Esta adoração não tem vida, quanto mais dá vida. Para que a humanidade não se afaste de Deus e as almas não possam ir mais para o Inferno, Deus insiste da humanidade a prática das quatro dimensões em cima mencionadas. De maneira que, a oração seja praticada como expressão de louvor e de súplica de perdão, leva o humano a emendar-se dos seus pecados e vai a relacionar-se de novo com o seu Deus, praticando a adoração e o culto, com amor, ao Verdadeiro Deus como acto de reconhecimento e gratidão ao amor e poder de Deus, e acreditando que Ele é Superior a todas as outras realidades. A adoração a Deus com fé, amor e esperança suprimem a tentação de idolatrar ou endeusar as realidades imanentes. Um dos outros modos que nos leva ao encontro de Deus é a vida Eucarística, como a presença contínua misteriosa, mas real, de Cristo no meio de nós para nos levar continuamente ao encontro de Deus. Estes actos exprimem a relação correcta da criatura com o seu Criador e Salvador.

Se os humanos andam nas trevas por estarem a adorar os Ídolos não têm fim luminoso, então, o acontecimento de Fátima coloca o assento sobre a representação de Deus como Luz que ilumina todas as realidades, como Deus que devem adorar e amar.

A exigência da prática das quatro dimensões em cima mencionadas tem por intuito essencial de emendar os pecados para não ofender mais a Deus e, por conseguinte, da força delas se tira fruto de santificação e da salvação para as almas. A salvação das almas é um alcance a vida eterna, a vida de Deus, em que, a humanidade é destinada também a Ela. A vida eterna é uma vida em plenitude (Felicidade eterna, o amor eterno e a paz eterno), onde tudo é completo e eternamente existe.

Nos acontecimentos de Fátima vemos um Deus que está atento aos corações humanos, que se comove com eles, que se preocupa com o seu destino, que os chama à conversão.

## BIBLIOGRAFIA

- *A Pastoral de Fátima*. Encontro Internacional sobre a Pastoral de Fátima no 75º Aniversário das Aparições (Santuário de Fátima 1993).
- AUER, Johann, *Jesus Cristo Salvador do mundo. Maria en el plan salvífico de Dios* (Barcelona Editorial Herder, 1990).
- BOFF, Leonardo, *El Rostro Materno de Dios*, (Ediciones San Pablo, 1991).
- BRAVO, António, *A oração dom e tarefa* (Ediciones Sígueme S.A.U- Salamanca: Paulinas Editora, 2004).
- BUENO DE LA FUENTE, Eloy, *A Mensagem de Fátima. A misericórdia de Deus: o triunfo do amor nos dramas da história* (Santuário de Fátima, 2014).
- C. M. F., Pedro Rojas, *Fátima en Marcha* (Editorial Claret 1966).
- CABECINHAS, Carlos, *A Adoração no contexto da Mensagem de Fátima* (in: *Adorar a Deus em Espírito e Verdade*, Santuário de Fátima, 2011).
- CARVALHO, José Carlos (coord.), *A Consagração como dedicação na mensagem de Fátima* (Santuário de Fátima, Fátima 2014).
- CLEMENTE, Manuel, *Fátima no contexto do catolicismo contemporâneo* (In *communio: Revista Internacional Católica*, ano xxxiii, 2016, publicação trimestral, n.4-Outubro/Novembro/Dezembro).
- Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, “*As obras de Misericórdia Corporais e Espirituais*” (Jubileu da Misericórdia: Paulus Editora, 2015-2016).
- CORRÊA DE OLIVEIRA, António, “*Santuário de Fátima. O Santuário, iniciativa Divina em favor dos Homens*” (Fátima 2007).
- COUTINHO, Vítor (Coord.), *Mensagem de esperança para o mundo. Acontecimento e mensagem de Fátima* (Santuário de Fátima, Fátima 2012).
- COUTO, António, *Adorar (a) Deus em espírito e verdade* (in: *Adorar a Deus em Espírito e Verdade*, Santuário de Fátima, 2011).
- COUTO, António, “*A Misericórdia. Lugar e Modo*” (Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira: 1ª Ed., Abril de 2016).
- DA CRUZ POLICARPO, José, *Uma Ordem Ética para a Paz* (In *Mensagens para a Paz, Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz* (S. João de Estoril: Cascais, 1ª ed., de 2002).

- DE JESUS, Lúcia, *Memórias da Irmã Lúcia*, Vol. II (Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 1999).
- DE JESUS, Lúcia, *Como vejo a Mensagem* (Carmelo de Coimbra, Secretariado dos Pastorinhos, Coimbra 2006).
- DE JESUS, Lúcia, *Apelos da Mensagem de Fátima* (Secretariado dos Pastorinhos, Fátima 2007).
- DE JESUS, Lúcia, *Memórias da Irmã Lúcia*, Vol. I (Fundação Francisco e Jacinta Marto, Santuário de Fátima, Fátima 2013).
- DEM, Marc, *O Terceiro Segredo de Fátima* (Planeta Editora 1994).
- Documentação Crítica de Fátima, volume I-V.
- DUQUE, João Manuel, *Fátima uma aproximação* (Paulinas editora, 2017).
- *Fátima e Paz*. Congresso internacional sobre Fátima e a paz no 75º aniversário das aparições (santuário de Fátima 1993).
- FARIA, P. O., *Perguntas- sobre Fátima e «Fátima desmascarada»* (Editorial do Porto, 1975).
- GARRONE, G.M., *A eucaristia coluna da fé* (Edições Salesianas, Porto, 31 de Agosto de 1971).
- G. DA FONSECA, Luis, *Nossa Senhora de Fátima Aparições, Cultos, Milagres* (2ª edição: Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1947).
- GERALDES FREIRE, Jose, *O segredo de Fátima* (2ª Edição, Santuário de Fátima 1978).
- KASPER, Walter, *Sacramento de la unidad, Eucaristía e Iglesi* (Editorial Sal Terrae Santander, 2005).
- KEHL, Medard, *Escatologia* (Ediciones Sigueme Salamanca, 1992).
- KUNG, Hans, *Vida Eterna?* (Editorial Trotta, S.A., 2000).
- DE FÁTIMA, Manuel e Oliveira Morujão, *Ciclo Mariano a visitação de Nossa Senhora em Fátima Oração e Conversão* (In: *Congresso Internacional Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008).
- MARIA CASTILLO, José, *Dios y nuestra felicidad*. Versão portuguesa: *Deus e a nossa Felicidade* (Editorial Franciscana: 1ª ed. 2001/09; 4ª ed. 2002/11).
- MARIA MARTINI, Carlos, *Creo en la vida eterna* (edicione de Giuliano Vigni, San Pablo, 2012).

- MARTINS GERALDES, Inácio, “ *Mensagem a Lúcia*” (Edição especial do Jornal `Correio da Manhã´ Fevereiro 2006).
- Memórias da Irmã Lúcia, I (17ª edi., Junho de 2015).
- Memórias e Cartas da Irmã Lúcia.
- *Mensagem de Sua Santidade João Paulo II para a celebração do XV dia Mundial da Paz (1 de Janeiro de 1982)*, (In *Mensagens para a Paz, Textos de Paulo VI a João Paulo II para a Celebração do Dia Mundial da Paz* (S. João de Estoril: Cascais, 1ª ed., de 2002).
- MESSIAS, Teresa, *Atitude crente: oração* (In: *Santificados em Cristo, Itinerário Temático do Centenário da Aparições de Fátima 5º. Ciclo*, Ano Pastoral, 2014-2015).
- MOREIRA AZEVEDO, Carlos A., *As condições históricas das visões de Fátima e a afirmação da religiosidade rural. Communio*,4 (2016): 421-436.
- PABLO II, Juan, *Creo en la vida eterna. Catequesis sobre o credo (VI)* (Ediciones Palabra, S.A., 2003).
- RATZINGER, Joseph, *La Eucaristía centro de la vida. Dios está cerca de nosotros* (1ª Edição, 2003).
- S. BENNETT, Jeffrey, *Quando o Sol Dança* (Fátima e Portugal: 1ª Edição, Fevereiro de 2017).
- SAMPAIO BARBOSA, David, *Reacção do povo e da hierarquia aos eventos de Fátima* (In: *Congresso Internacional Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008).
- SARAIVA MARTINS,Cardeal José, *Eucaristia* (Universidade Católica Editora, Lisboa, 2002).
- SCHÖNBORN, Cristoph, “*Hemos encontrado Misericórdia. El misterio de la Divina Misericordia*” (2ª Ed. Ediciones Palabra, S. A., 211).
- SÈVE, André, *A oração hoje* (Edições Paulistas, 1990).
- SIQUEIRA, Pedro, *you can talk to God*, Adaptado de: *Você pode falar com Deus*, de Ana Rita Silva (Rio de Janeiro: 2014).
- SOUSA, Pedro, *Adoração* (In: *Fátima 100 Anos, Espiritualidade e Contexto*, Cenáculo 2ª série, volume 57, nº 210, (Braga: 2018).
- TEIXEIRA FERNANDES, António, *Reacção das correntes ideológicas e dos atores políticos aos eventos de Fátima* (In: *Congresso Internacional Fátima para o Seculo XXI*, Santuário de Fátima, 2008).
- TERÁN DUTARI, Julio, *Reflexiones universitárias sobre Fátima e a Paz* (In: *Fátima e a Paz. Congresso internacional sobre Fátima e a paz*, No 75.º aniversário das aparições: Santuário de Fátima, 1993).

- TORRES NEIVA, Adélio, *Consagração* (In: Enciclopédia de Fátima, S. João do Estoril, 2007).
- ZIZIC, Ivica, *A oração litúrgica e o tempo. Communio*, 3 (2016): 325-340.

## ÍNDICE

**RESUMO-ABSTRACT- PALAVRAS CHAVES.....1**

**INTRODUÇÃO.....2**

### **CAPÍTULO I: FÁTIMA NO TEMPO- QUESTÃO HISTÓRICA.**

- 1. A síntese da História das Aparições.....4**
  - 1.1 Angelofanias.....5**
  - 1.2 Mariofanias.....7**
  - 1.3 O Segredo revelado de Mariofanias.....12**
  - 1.4 As Controvérsias.....15**
  - 1.5 As Verdades de Fátima.....18**

### **CAPÍTULO II: FÁTIMA E A FÉ-QUESTÃO TEOLÓGICA.**

- 1. Adoração, Adorar a Deus.....23**
  - 1.1 Oração para a conversão dos pecadores.....28**
  - 1.2 O sacrifício para a salvação das almas.....34**
  - 1.3 A vida Eucarística.....40**
  - 1.4 A Misericórdia, chave no acontecimento de Fátima.....45**

### **CAPÍTULO III: FÁTIMA E A SALVAÇÃO- QUESTÃO SOTERIOLÓGICA.**

- 1. A Paz.....56**
  - 1.1 A Felicidade.....61**
  - 1.2 A Vida Eterna.....63**

**CONCLUSÃO.....68**

**BIBLIOGRAFIA.....70**